

REVISTA DA
ACADEMIA
PIRACICABANA
DE LETRAS



ANO VI - Nº 10
PIRACICABA - 2014

REVISTA DA
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano VI – n.º 10
Piracicaba – Novembro de 2014

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras,
fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini,
CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na Rua do Rosário, 781,
CEP 13400-183, em Piracicaba.

E-mail: academiapiracicabanadeletras@gmail.com

Blog: academiapiracicabana.blogspot.com

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITOR E JORNALISTA-RESPONSÁVEL:

João Umberto Nassif (MTb 24 682)

Endereço: Rua do Rosário, 781 – 13400-183 Piracicaba SP

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada
ao Editor no seguinte endereço:

Rua do Rosário, 2561

CEP 13401-138 – Piracicaba-SP

E-mail: joaonassif@gmail.com

CONSELHO EDITORIAL:

Antonio Carlos Neder

Aracy Duarte Ferrari

Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

Elias Salum

Ivana Maria França de Negri

Myria Machado Botelho

Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme

FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA:

Mônica Corazza

DIAGRAMAÇÃO:

Genival Cardoso

PRODUÇÃO GRÁFICA:

Audáxia Agência Gráfica (19) 3927-3974

IMPRESSÃO:

IUBRA Gráfica e Editora Ltda

Rod. Boituva - Iperó, Km 1,1

18500-000 - Boituva-SP

APRESENTAÇÃO

Mais um ano passou e agora chegamos à 10ª edição de nossa Revista, após quase ao final do nosso segundo mandato. É sempre uma satisfação, uma vez que até agora conseguimos manter a periodicidade semestral, sonho acalentado desde o primeiro exemplar que aconteceu em 2009 e terminará em 2015, informando que se acharão abertas as inscrições para a eleição da nova diretoria que será notificada nos jornais da cidade em próxima oportunidade.

A luta foi sempre igual, onde cada qual da diretoria teve suas obrigações cotidianas normais e problemas tanto físicos como principalmente os financeiros, difíceis de serem solucionados e, que, quando solucionados foram à duras penas, uma vez que o apoio geralmente acontece no esforço e presença dos próprios acadêmicos da nossa querida A.P.L, aos quais enviamos desde já nossos mais sinceros agradecimentos pela cooperação.

No mais enviamos nossos votos de um feliz Natal e que, o Ano Novo traga muita prosperidade e Paz a todos que reconheceram ou reconhecem, tanto o valor, como a utilidade de se manter viva e acesa, a Luz que a Literatura pode oferecer ao ser humano em geral.

Com apreço e respeito, cordialmente,

Piracicaba, 28 de novembro de 2014.

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza
Presidente

ÍNDICE

André Bueno Oliveira – <i>Trovas com temas propostos</i>	7
Antonio Carlos Fusatto – <i>Abrindo o passado / Bucólico</i> <i>O Homem / Poema para Estela</i>	11
Aracy Duarte Ferrari – <i>Crescimento e Globalização</i> <i>Desequilíbrio do Universo / No banco da praça</i> <i>Lembranças da praça</i>	17
Carla Ceres Oliveira Capeleti – <i>Um Casamento em Pira Paralela</i> ...	21
Carlos Moraes Júnior – <i>A Natureza Humana</i>	23
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – <i>Tons Contemporâneos – uma paleta das manchetes</i>	25
Cássio Camilo Almeida de Negri – <i>A arma e a alma /</i> <i>A dança dos Derviches</i>	27
Elda Nympha Cobra Silveira – <i>Degeneração</i>	31
Elias Salum – <i>O Cedro do Líbano</i>	35
Evaldo Vicente – <i>Por exclamações de Adriano Nogueira!!!</i>	41
Felisbino de Almeida Leme – <i>Canto de Paz /</i> <i>Lágrimas de Felicidade / Na magia da solidariedade /</i> <i>Nascer do sol</i>	43
Geraldo Victorino de França – <i>Conhecendo os animais pré-históricos /</i> <i>Conhecendo os vulcões / Conhecendo os terremotos /</i> <i>Conhecendo os desertos</i>	47
Gustavo Jacques Dias Alvim – <i>Num Dois de Novembro</i>	53
Homero Anefalos – <i>Maconha é liberada no Uruguai</i>	57
Ivana Maria França de Negri – <i>Silêncios / Tempus Fugit</i>	59

João Umberto Nassif – <i>João da Curva</i>	63
Leda Coletti – <i>Brasil no tempo / Umbrais / Rio das Lembranças</i>	67
Lino Vitti – <i>Poema a Piracicaba / Eterno Assunto; Ser Feliz Viver... Sonhar</i>	71
Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – <i>A falta do encanto e do aconchego</i>	75
Marisa Amábile Fillet Bueloni – <i>Sinfônica</i>	77
Marly Therezinha Germano Percin – <i>Os Exercícios de Lembrar e Rememorar</i>	79
Mônica Aguiar Corazza Stefani – <i>Noite escura / Quero todos os meus cacos colados no vaso</i>	81
Myria Machado Botelho – <i>O Natal de Lorena (Conto)</i>	83
Olívio Nazareno Alleoni – <i>O Médico – Conciliações Psicológicas e Profissionais</i>	87
Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme – <i>Não és mais apenas aquela / Rotulando</i>	105
Sílvia Regina de Oliveira – <i>sabedoria / 4:15 / lépida sombra ciclos / presença / infantes</i>	109
Valdiza Maria Caprânico – <i>Experiências Inesquecíveis</i>	113
Waldemar Romano – <i>Reflexões inúteis</i>	117
Walter Naime – <i>“Tudo se agiganta quando a alma se apequena”</i>	121
APL em ação – <i>Noticiário</i>	123

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANDRÉ BUENO OLIVEIRA
Cadeira n° 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

Trovas com temas propostos

CARIDADE

Para entrar, depois da morte,
na celeste Eternidade,
é preciso um passaporte
cujo nome é Caridade.

PRUDÊNCIA

Levando uma vida vã,
perdi bem cedo a inocência,
mas conquistei sua irmã
que hoje me ampara: a Prudência.

JUSTIÇA

Virtude audaz, lenta e cega.
Sempre neutra. Nunca omissa.
Se engana, às vezes...Quem nega?
Mas se restaura. É Justiça!

TEMPERANÇA

Fé, Prudência, Caridade,
mais a Justiça e a Esperança,
têm maior virtuosidade
se unidas à Temperança.

ATITUDE

A Verdade transparente
é também uma virtude.
Quem (se) omite, em tese mente,
por carência de atitude.

AUTENTICIDADE

Sem temor algum proclamo
meu desprezo à falsidade;
ao contrário, eu busco e eu amo
a luz da Autenticidade.

ESCOLA

Qual planta, a Sabedoria,
dentro de um lar nasce e cresce;
para florir, todavia,
sem a Escola não floresce.

EDUCAÇÃO

Se tens Família ou Escola,
pode até faltar-te o pão.
Pão, consegues por esmola...
mas jamais a Educação.

FAMÍLIA

Caminhos de luz eu trilho,
e feliz, minha alma brilha,
pois meu Sol – autor do brilho –
tem outro nome: Família!

CHUVA

(Para a estiagem de 2014)

Jorrai, nuvens carpideiras,
vosso pranto preso em mágoas.
Fontes, rios, cachoeiras,
agonizam... Não têm águas!!!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO
Cadeira nº 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

Abrindo o passado

Pequeno sorriso
esboçado ao acaso,
traz-lhe ao presente,
reminiscência de um
passado que insiste em ficar...

Uma lua cheia,
levantava-se em meio
ao ar nebuloso...
O rio murmurante,
parecia compor nova canção!

No horizonte esbatido,
uma tênue silhueta
d'um adeus!....

Bucólico

No silêncio
desta paragem,
cansado viandante,
preliba com aproximação
do amanhecer!

Mal desponte
astro rei no horizonte,
saltitantes sabiás,
completarão a
sinfonia dos vergéis!...

O Homem

Dentro de nosso pequeno universo literário, tomamos a liberdade de tecer algumas análises do homem como figura proeminente no contexto universal: vamos tentar descrever esta criatura pensante, sobre a ótica de sua constitucionalidade, muito embora saibamos ser um assunto bastante **vasto e polêmico**: isto que aqui expressamos é uma concisão, baseada em **vários autores**:

“– Se o analisarmos dentro da ótica materialista, veremos que o ser humano é constituído de corpo **físico** ou **químico** que possui vida graças ao corpo vital (etérico), e

seu princípio é **nascer**, intermediação **viver** e final **morrer**: portanto vida, natureza, mundo e universo não tem sentido panteísta estando filosoficamente mais para KANT que para EMERSON.”

Mas, então o que seria a vida? Achamos ser uma soma de energias em constante evolução rumo ao infinito, e dentro desta evolução, vemos o homem atual com um corpo físico, suportando todos os elementos que o constituem:

Este corpo físico fornece: o esqueleto, os músculos e todos os demais órgãos;

– fornece ao corpo astral, os glóbulos vermelhos do sangue (hemácias) e os órgãos circulatórios, pois é o corpo astral que anima todos os elementos do corpo humano, especialmente os órgãos de circulação e respiração;

– fornece ao ser psíquico, todos os princípios do sistema nervoso ganglionar, pois o psíquico é o centro da sublimação e da condensação do corpo astral, o psíquico move todos os elementos que constituem o organismo humano;

– fornece ao espírito imortal, todos os princípios materiais do sistema nervoso consciente, pois é ele que governa o ser humano, em sua totalidade: sentir, pensar, querer...”

Dentro deste contexto transcendentalista, vemos neste ser, a sua individualidade, o “EU” que é composto pela tríade superior: **intuição**, **intelecto** e **espírito** ou alma ou energia vitalizadora.

– Intuição: alquimia da criatividade, ato de pressentir ou percepção sem intervenção do raciocínio;

– Intelecto: ato de entender dos racionais, razão, inteligência e evolução dos conhecimentos.”

Muito embora, eu concorde que, na escala evolutiva, o homem ainda está mais para **emotivo** que **racional**; pois na maioria das vezes usa o raciocínio para justificar suas emoções.

Simplificando: se **pensa**, surge uma **emoção**, e, esta gera um **sentimento**, e, este provoca uma **reação**. Este sentimento é o *start* dos vários tipos de reações; pois o homem é dotado de uma capacidade incrível, de cometer loucuras sem refletir.

Logo o melhor e menor caminho entre a emoção e a reação, é o **bom senso**, a **ponderação**. (raciocínio lógico)

“Espírito ou alma: energia eterna ou imortal; enquanto a matéria nasce, vive e morre, ele revive e evolui para a eternidade.”

Sócrates quando proferiu a célebre frase: “Conheça-te a ti mesmo”, tentava transferir a seus aprendizes, a descoberta da individualidade do “EU”; antes de **você** tentar modificar o mundo, modifique-se internamente: mental, cultural e religiosamente; somente após essa “**lapidação** é que **você** se despertará para seus atos e verdades e passará a ver tudo de acordo com sua consciência e, então, estarás em harmonia com a **consciência cósmica universal**; é a partir deste momento que haverá condições de realmente melhorar o mundo; pois haverá a prevalência do espírito sobre a matéria, ou seja a predominância do invisível, do permanente, do imortal, da individualidade sobre a “máscara” da aparência ou seja o destrutível a vida material, “e, conseqüentemente a sequência da obra, do **Grande Arquiteto do Universo**; tudo é cíclico e evolui numa espiral logarítmica, nada permanece estático; a própria natureza, se equilibra pela harmonia e se renova pelo movimento.

Aproveitamos a oportunidade para inserir uma reflexão extraída dos sábios ensinamentos do TALMUDE, cuja interpretação, é mais ou menos assim:

“– Cuidado com seus **pensamentos**: eles se transformam em **palavras**;

– Cuidado com suas **palavras**: elas se transformam em **ações**;

– Cuidado com suas **ações**: elas se transformam em **hábitos**;

– Cuidado com seus **hábitos**: eles moldam seu **caráter**;

– Cuidado com seu **caráter**: ele é o farol do seu **destino**;

pois o caráter é aquilo que você realmente é.”

Poema para Estela

Agosto quinto dia,
uma linda estrela nascia,
toda bela reluzente,
do raiar do sol, ao arrebol d'outro dia.

Milhões de estrelas distantes,
qual rútilos diamantes,
cintilam no negrume do céu.

Estela neta querida,
desde que chegastes, és a mais bonita,
tens o fulgor de lumaréus.

Dentro em mim você traz:
alento, luz e emoção.
Meus braços serão teu abrigo princesa,
você dá vida e calor, ao velho coração.

Minha estrela menina!
meu coração teu universo,
nossa família teu céu.
Outro apaixonado por ti, o irmãozinho Miguel...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ARACY DUARTE FERRARI
Cadeira nº 16 – Patrono: José Mathias Bragion

Crescimento e Globalização

Cognominada “Noiva da Colina”, conhecida pelo seu rio, sua exuberância e pujança localiza-se na região central do estado com uma população de 368.000 habitantes. Próxima de duas grandes metrópoles: São Paulo e Campinas, distante 30 km da estância hidromineral de Águas de São Pedro, considerada uma das melhores termas do país. Neste bom recanto onde piracicabanos e não piracicabanos aqui residentes compartilham com amor da mesma realidade, facilmente adquirem sua cultura, seus costumes, suas tradições e seus valores históricos. O início da futura cidade foi marcante: no ano de 1767 (século XVIII), chegou à nova terra o senhor Antonio Corrêa Barbosa de personalidade forte, aventureiro, desbravador, dando início o Povoado de Piracicaba. Nome provavelmente escolhido por ter em sua margem direita o rio Piracicaba. Um dos fortes motivos do desenvolvimento foi proveniente da embarcações que desciam o vale médio do Rio Tietê. Como era um centro abastecedor, a tripulação permanecia fixando residência aqui onde encontraram terras férteis, abundância de água, clima adaptável e fortes pastagens para criação de bovinos, equinos caprinos e galináceos. O rio foi importante no início do povoado, com suas águas límpidas, cristalinas, sem fatores poluentes. O ecossistema em perfeita harmonia... Suas águas hoje encontram-se sem qualidade a deslizarem e correr rutilantes ao reflexo da lua, e ondas abundantes batem nas rochas gnaisse e a população a apreciar e algumas vezes a questionar por que o rio esta poluído? Mas mesmo assim muitos se utilizam da ponte pênsil e outros margeiam o rio ao longo

da Rua do Porto, antiga Rua da Praia. Ali permanecem observadores, reflexivos, atentos e inspirados na quietude, para apreciarem sua beleza e sentir a descida das águas do Véu da Noiva. É o salto alegrando os olhares! O Rio Piracicaba, suas histórias se fazem presentes na linguagem escrita: livros, jornais, revistas, panfletos, internets... tudo em prosa e versos e na linguagem falada dos contos e causos, sendo cantadas através das músicas e interpretações em peças teatrais. As informações crescem conhecimentos, a fala do povo une gerações com vínculo duradouro e a música alegre enriquecendo os fatos. É assim classificado o homem que faz histórias e registra memórias do passado no presente. Retomando, o povoado estava em acelerado progresso e recebeu nova denominação “Vila Nova Constituição”, para bem depois chamar-se Piracicaba. O povoado teve dois padroeiros, sendo o primeiro Nossa Senhora dos Prazeres, em homenagem aos descobridores portugueses, e o segundo Santo Antonio em homenagem a Antonio Corrêa Barbosa o seu fundador. A cidade no passado já possuía ilustres personagens, como políticos, juristas, educadores, pintores, musicistas, médicos, dentistas, jornalistas, industriais, comerciantes de secos e molhados, jogadores e outros colaboradores que se envolviam diretamente com o progresso da cidade. A querida cidade de Piracicaba cheia de encantos.

O desenvolvimento acentuado foi a partir do final século XIX, e durante todo século XX com acentuadas oscilações para firmar-se eficazmente no último século. O desenvolvimento acelerou com a nova tecnologia, a economia e a cultura em grandes destaques. De importância internacional a criação do polo Nacional de biocombustível; aproveitamento direto e inteligente do produto extraído da cana de açúcar, o álcool. Há também a contribuição direta da produção das megas indústrias: Caterpillar, Dedini, Raizem, Fibrea e outras de menor porte, mas todas contribuem com o financeiro econômico social do município. A ocorrência máxima atualmente é a instalação da automotiva Hyundai,

a qual aumentará consideravelmente os benefícios e consequentes melhoria para a população. A cidade agradece!

Desequilíbrio do Universo

“...Reconstruir o planeta
Provocar uma revolução social.
O pão voltará à mesa
A água pura no copo
O ar despoluído com certeza.”

No banco da praça

O amor aproxima os seres. Faz florescer simpatia como ervas sutis em campo plano, longínquo, mas sensível, a perceber a postura humana e a sensibilidade das flores silvestres. Tudo faz bem; são perceptíveis aos amantes, as flores perfumadas, coloridas, formosas, num clima romântico.

Lembranças da praça

No banco da praça
Árvores frondosas se entrelaçam,
Flores, rosas, lírios e jasmíns...
O granito, onde se assentam,
Ouve as histórias do amor
Imaturo dos jovens,
Contos mil volteando o mundo
Sensível às mais diversas emoções
Nós dois, apaixonados e felizes,
Sabendo que a igreja da praça
Contempla nosso amor com toda graça
Nuvens espessas observam com euforia.
A lua cheia abrilhantando a distancia
Ao enviar seus raios...
Estrelas luzentes, num pisca-pisca,
Sentem-se participativas, enquanto
Anjos e arcanjos entoam hinos de amor
Felizes porque o encontro aconteceu
Para ficar na lembrança

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARLA CERES OLIVEIRA
CAPELETI

Cadeira nº 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin

Um Casamento em Pira Paralela

Hoje foi dia de festa em Pira Paralela, um casamento inesquecível! Pena que terminou como terminou. Quer dizer, tudo termina como termina. O fim tem mesmo essa aura de coisa definitiva. Mas precisava ser diante de tantos paralelenses ilustres e piracicabanos convidados? Posso comentar porque não pertencço a nenhuma das categorias. Sou apenas uma paralelecicabana honorária, título provisório, concedido pela Sinistra-Mor enquanto o júri dos Nefastos decide qual será minha punição por haver descoberto os portais que ligam as duas cidades. Vocês sabem que Piracicaba tem várias passagens interdimensionais para Pira Paralela. Depois que eu botei a boca no trombone, todo mundo sabe disso.

O casamento começou de maneira tradicional, com a noiva atrasando uns minutinhos. Até aí, tudo bem, porque eu também estava atrasada e minha missão era levar o padre até a igreja. Mesmo usando um disfarce, o jovem pregador demorou demais para aparecer em nosso ponto de encontro. Chegou com a batina amassada, correndo como quem foge de velhas dissolutas. Isso sempre acontecia com o padre Gatinho. Seu fã-clube da terceira idade o perseguia desde que fora injustamente acusado de gerontofilia.

Passamos pelo portal da Capela Assombrada, em Piracicaba, e nos materializamos na Capela de São Volpi Mondrian, em Pira Paralela. Por motivos diferentes, o noivo e todas as velhas suspiraram ao ver o padre. Bandeirinhas coloridas e plantas carnívoras (para devorar os mosquitos da dengue) de-

coravam o ambiente. Lex, o menestrel, já estava a postos para tocar em seu sétimo casamento do dia. Em Pira Paralela e região, ninguém se casa sem a presença do menestrel porque ele tem o dom da multipresença e controla o tempo.

“Oi! Tudo bem, Lex? Onde você está hoje?”, perguntei baixinho. Eu sempre converso em voz baixa com o menestrel, para não atrapalhar sua concentração. “Tudo bem, Carla! Estou tocando agora, na catedral de Piracicaba; terminei de tocar na matriz de Piratininga; estou fazendo um show no clube de Itapira e também estou aqui em Pira Paralela, esperando a noiva que não chega”, respondeu ele, com um sorriso camarada. Pira Paralela faz fronteira interdimensional com qualquer cidade que tenha “pira” no nome. O Lex é de Piracicaba, mas é artista e, vocês sabem, os artistas transitam com facilidade por universos paralelos.

A noiva já estava atrasada pra valer, mais de meia hora. Ninguém se importava, é claro, porque o Lex permanecia firme, congelando o tempo na capela. Essa era sua função, manter os convidados presos numa bolha atemporal enquanto as noivas se despediam dos ex-namorados. Não me digam que na cidade de vocês isso não acontece! Aqui é tradição. Antes da cerimônia, as noivas visitam os ex pra dar um tchauzinho amistoso. Quanto mais ex elas têm, mais demoram.

Ficamos uma hora naquela tranquilidade sobrenatural. De repente, uma nuvem de gafanhotos entrou na capela, para comer as bandeirinhas e terminou devorada pelas plantas carnívoras. As pessoas quase despertaram do transe. (Cotton-eyed Joe) Lex pegou o violino e reforçou o feitiço, tocando um sucesso sertanejo. Meia hora depois, quando só se ouviam alguns sussurros e o constante mastigar das plantas (que, por puro tédio, tornaram-se vegetarianas e começaram a comer-se uma às outras), a noiva chegou.

Estava linda! Pena que, ao final da cerimônia, a única planta que sobrou (e estava bem grandinha) esticou a língua, fisgou o noivo e devorou-o.

O resto da história, eu conto outro dia.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CARLOS MORAES JÚNIOR
Cadeira n° 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida

A Natureza Humana

O sentido e o propósito da vida humana é sempre abordado de forma fragmentada e juntar esses fragmentos, não é uma tarefa fácil, porque ao dizer alguma coisa neste sentido, as palavras são afetado por um pré-juízo; por aquilo que pensamos ser a natureza humana real. Os cientistas sempre segmentam a natureza humana e, a partir daí, criam padrões de comportamentos e passam a exigir que as pessoas dêem respostas de acordo com a hipótese esquematizada. Esquecem que o ser humano é matéria e forma, ao mesmo tempo. Assim sendo, não se deve separar o seu corpo das características formais que constituem a sua natureza. Defini-lo como um ser espiritual e cobrar dele comportamentos voltados exclusivamente para a sua espiritualidade e esquecer-se dos seus outros atributos não leva a lugar algum. À medida que um atributo se realiza, outras são negligenciadas e é possível que esses vazios desestremem a lógica. Só se define os seres humanos de modo universal a partir do que se conhece sobre a sua natureza, e só se entende uma pessoa a partir do conhecimento da sua história. Uma coisa é entender que o homem pertence a uma espécie; outra coisa é, partindo da natureza da sua espécie, entender uma única pessoa. Qual seria o jeito de ser de um chinês, que vive nos fundões do mundo e não tem importância a não ser para os seus? E que relevância existe em saber esse detalhe? Nenhuma, porque não fomos criados com nenhum objetivo, nem por Deus, nem pela evolução. Simplesmente descobrimos que existimos e temos então de decidir o que fazemos de nós mesmos. Seguir daí tem alguma importância. A

pergunta: “Que estou fazendo da minha vida?” é muito mais relevante do que aquela batida: “Quem sou eu?”. Todo mundo sabe quem é e de onde veio, mas muito poucos são aqueles que sabem para onde estão indo. Vivemos numa miscelânea de línguas, de deuses, de ritos, de crenças e de comportamentos, que nos torna iguais superficialmente. Essa descoberta é muito traumatizante. Ser igual é terrível para muitos humanos, e é por isso que homens e mulheres gastam a vida buscando uma perfeição, que nada mais é, do que o desejo de ser diferente do outro. Muitos querem se destacar e para isso usam comportamentos bizarros como furar orelhas, cobrir-se de tatuagens, aumentar e aperfeiçoar partes do corpo artificialmente e levam essa expectativa às últimas consequências. O desejo de ser diferente é tão grande, que muitos perdem a vida durante a realização desse intento. Nada mais normal do que recorrer à autoflagelação para sentir-se mais bonito, mais importante ou mais querido, já que a agressão é inata na espécie humana. Analisar a natureza humana é um trabalho complexo, que se assemelha ao de montar um quebra-cabeças. Quando montamos esse quebra-cabeças, juntamos pequenos fragmentos, isto é, procuramos montar alguma coisa lógica com aquelas peças, para olhar e entendê-la. E se formos uma figura com o nosso quebra-cabeças, o homem aparecerá como um ser social que é também cultural, religioso, político, econômico e espiritual. O desafio é entendê-lo em seu conjunto como indivíduo e pessoa com uma história de vida cujo sentido é único e não transferível a outras pessoas.

Carlos Moraes Júnior é jornalista e escritor.

Contato: clube.escritoresw@uol.com.br

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN MARIA DA SILVA
FERNANDEZ PILOTTO

Cadeira nº 19 – Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

Tons Contemporâneos – uma paleta das manchetes

Rubro e negro
dos movimentos sombrios
de aniquiladas disputas:
xenofobias
homofobias
manifestos de civilização insana
no sangue espremido
das manchetes consensuais
delatando ódio e ceticismo político

Francisco, em brancas vestes, anuncia
a terceira guerra já é iniciada
desde Gaza, Coréia, Ucrânia
ou por onde se estende a mundial intolerância

No Brasil
cinza plúmbeo
no Sudeste nacional
traz a seca criando nova geografia
de um deserto urbano refletido
pela Amazônia devastada

E o âmbar-poeira da caatinga
também rouba o sonho e a poesia
estéril em ressequidos corpos
carcaças sem seiva ou energia

Francisco verte uma lágrima translúcida
Dolorida expiação por seu povo
Não mais se apercebem do céu azul real
Que transbordaria suas almas de esperança e fé!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CÁSSIO CAMILO ALMEIDA
DE NEGRI

Cadeira nº 20 – Patrono: Benedicto Evangelista da Costa

A arma e a alma



Tempos antigos ...

Casas com jardim sem grades, quando muito, uma bem baixa para proteger as plantas do xixi dos vira-latas.

Os litros de leite eram deixados nos portões bem cedo pelo leiteiro, como a desafiar algum ladrão, naquela época quase inexistentes, protegidos apenas pelas grossas grades dos valores humanos, como a honestidade.

Nas ruas, os meninos brincavam de mocinho e bandido, e nos natais e aniversários, o que mais se ganhava era revolver de brinquedo. E o que mais se liam eram gibis de *bang-bang*, tipo Zorro, Roy Rogers, entre outros, mas nas histórias, quem sempre vencia era o homem da lei.

Em casa, quase todo pai tinha um revólver *Schmidt* ou *Colt*, proibido de ser pego pelos filhos quando sós, mas permitido ver, se na presença do pai.

Nesse meio crescia o menino magro, pé no chão, já na idade de fazer o catecismo, para se preparar para a primeira comunhão, pois já fizera sete anos.

Ia a pé quase todas as tardes à igreja, pois naquela época de tantas armas, não existiam ladrões e bandidos, então, um garoto tão novo podia andar sem medo pelas ruas.

Chegando o fim do curso de catecismo, ia enfim realizar a primeira comunhão.

Na véspera do grande dia foi o menino confessar com o padre velho e mal humorado, quando este pergunta:

– Menino, você tem “arma”?

– Não. Responde a criança.

– Como? Depois de quase um ano de catecismo, e nós ensinando que todos têm “arma” e você diz que não? Grita o padre nervoso!

O menino, confuso, ainda acrescentou:

- Eu tenho só arma de brinquedo, arma de verdade só meu pai tem.

Aí então, o padre, que era piracicabano e falava com um forte sotaque caipira, entendeu o que o menino quis dizer e consertou sua pergunta.

Mas na realidade o menino estava certo, não temos alma, somos uma alma que tem um corpo.

A dança dos Derviches

No pequeno palco circular a assistência aguarda o início da dança à meia luz.

Alguns conversam baixinho sentados nos desconfortáveis bancos de madeira. A luz se apaga e a sala mergulha na escuridão.

Um lamurioso som de flauta ecoa pelo ambiente misterioso. O som emitido pelo instrumento nos faz pensar no verbo divino da criação do mundo quando nada ainda existia. Aos poucos, debaixo da penumbra, entram no palco alguns homens vestidos de negro se locomovendo lentamente com movimentos incompreensíveis.

Nas cabeças usam estranha cobertura em forma de cone. A flauta continua lamuriosa e lenta. Os dançarinos co-

meçam um giro lento com a mão direita elevada, palma para cima, como querendo agarrar o céu, e a mão esquerda com a palma para baixo, como querendo agarrar a terra. Continuam a rodopiar sobre si mesmos, até que um por um tiram a veste negra mostrando uma bela vestimenta totalmente branca com uma espécie de saia que se levanta no rodopio frenético.

O conjunto dos Derviches Rodopiantes provoca um vento circular na sala que atinge a todos, refrescando o ambiente nesse final de tarde quente e seco. A plateia parece hipnotizada, não se ouve nem mesmo o som da respiração dos assistentes. Tudo gira imitando os elétrons ao redor dos átomos, os planetas ao redor do sol, as galáxias girantes no Universo. Ao fundo, a flauta imita o som do verbo divino, que comanda o giro de todo o universo. Os dançarinos parecem dar uma mão a Deus e outra à matéria, iniciando a vida do homem no universo.

De repente, tudo acaba, os Derviches saem de cena e a plateia boquiaberta continua sentada continuando a relembrar sua própria criação no ciclo divino.



COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELDA NYMPHA COBRA
SILVEIRA

Cadeira n° 21 – Patrono: José Ferraz de Almeida Junior

Degeneração

O homem abandona milênios de civilização, quando tomado pelos instintos, deixa virem à tona e brotarem em atitudes inomináveis os comportamentos primários de agressividade herdados do homem de Neanderthal, que nos primórdios da evolução humana tinham necessidade desses revezes hoje abrandados e sublimados, para lutar pela sobrevivência num ambiente hostil. Mas é lógico que, mesmo recessivo e sublimado, os genes daquilo que fomos no início da nossa evolução, ainda estão em nós, e às vezes, vêm à tona e despertam a antiga fera, embutida no âmago de cada indivíduo, deixando-a se manifestar com toda perversidade animalasca.

Muitas pessoas têm preferência pelos filmes de terror, com cenas de sadismo, filmes de vampiros que se deleitam com o sexo desenfreado e tudo o que existe de monstruoso, escabroso e de extremo mau-gosto. Não raro, alguns canais de televisão em busca de audiência mostram cenas deste tipo, ao vivo, para qualquer jovem ou criança terem acesso. Os psicólogos se preocupam com os jovens de hoje que, ao invés de cultuarem a doçura, a educação, atos de gentileza, cultura e fidelidade aos bons costumes e princípios espirituais, inerentes à melhoria da evolução da humanidade, adoram violência, sangue, lutas marciais e por aí fora. E essa é uma tendência cada vez mais crescente e que está começando cada vez mais cedo, pois hoje uma criança de quatro ou cinco anos já se deleita com esse tipo de cultura, espalhada na Internet, nos jo-

gos de videogame, em brinquedos, nas brincadeiras e até nos desenhos considerados infantis.

Quando uma casa está suja ou velha, antes de concluir que ela não tem conserto e precisa ser demolida, tentamos remendá-la, precisamos às vezes raspar, esfregar, pintar, reformar aqui e ali. Do jeito que está o nosso planeta precisa urgentemente de um expurgo, para se livrar de tudo que tem sofrido, nas mãos de uma humanidade irracional, violenta, que pode, por um descuido, transformá-lo em pó! Os homens evoluíram muito e têm o domínio da tecnologia e da Ciência para reconstruírem tudo, até para tentar criar a vida em laboratório; mas não evoluíram na mesma proporção, para elevarem ao máximo os sentimentos, a empatia, a gentileza, o amor ao ambiente, ao próximo e aos seus familiares.

Quando lemos livros dos célebres escritores contemporâneos, temos uma verdadeira aula de boas-maneiras, pois eles retratam com maestria o tratamento requintado entre as pessoas, o cavalheirismo, a elegância na convivência e no trajar, enfim, tudo o que uma pessoa civilizada necessita saber. Em minha opinião os costumes que buscam melhorar o interior das pessoas deveriam ser preservados, pois são esses costumes que fazem o ser humano se aprimorar no trato social, intelectual e cultural e conseqüentemente se distanciar da vida que nossos ancestrais viviam em suas tribos primitivas.

Mas o que vemos hoje é justamente o contrário: os jovens estão voltando à idade das cavernas, pois querem se impor, não com inteligência, educação, disciplina e respeito, mas procurando lutar para ser o macho Alfa, que lá atrás, era escolhido na base da bravata, da briga e de atitudes grosseiras e desrespeitosas.

Poucos homens cedem seu lugar num coletivo para uma senhora, mesmo quando ela está grávida, não abrem a porta do carro para uma mulher e gritam com as esposas usando até palavras de baixo calão. O jovem moderno não respeita ninguém: trata os pais de igual para igual, e da mesma forma os professores e autoridades, de quem, invariavelmente, não

acatam ordens, chegando ao cúmulo de muitos serem agredidos verbalmente, ou até surrados e assassinados porque ousaram enfrentar a delinquência. Essa é a educação moderna. Milhares de jovens não conseguem viver uma vida equilibrada e continuam até a maturidade na casa dos pais, porque precisam deles para se sustentar, para se manter. Mesmo nesta condição, exigem tudo para si, sempre cobrando benefícios e mordomias. Houve até casos de morte em família, porque os pais deixaram de obedecer às ordens dos filhos déspotas e às vezes drogados.

As gerações mais antigas tinham respeito pelos adultos, hoje essa situação está invertida. Evitamos certas situações para não sermos ridicularizados pelos jovens modernos, porque eles não valorizam a sabedoria e as experiências que a idade traz como sempre fizeram e ainda fazem muitos povos, como os japoneses, que ainda cultuam seus ancestrais. Esse tipo de conversa é considerado ultrapassado, mas ninguém precisa se comportar como um jovem mancebo ou uma moçoila para se mostrar educado e respeitador de bons costumes.

Gostei de um e-mail que recebi, no qual um jovem depreciava um senhor de idade dizendo que ele não estava a par das tecnologias da época, que ele era uma pessoa ultrapassada para estes tempos. E o idoso lhe responde: “Foi minha geração quem fez tudo isso e na sua o que você fez seu merdinha?”.

Não pretendo generalizar, porque muitos jovens não se enquadram nesse contexto, até por sinal se destacam para um futuro melhor da nossa humanidade. Mas é uma pena que tudo o que escrevi não seja lido pela maioria dos jovens, porque poucos leem jornal diariamente.

Elda Nympha Cobra Silveira é escritora e artista plástica.

eldanympha@yahoo.com.br

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ELIAS SALUM

Cadeira n° 5 – Patrono: Leandro Guerrini

O Cedro do Líbano

O Cedro é uma árvore muito antiga. Existem muitos tipos de cedros, mas o Cedro do Líbano é o mais velho, o mais forte e o mais bonito, e pode viver centenas e centenas de anos. O Cedro do Líbano se chama ‘*Cedrus libani*’. Antigamente, todas as montanhas do Líbano estavam cobertas de cedros. O cedro é muitas vezes mencionado na Bíblia Sagrada, e é um símbolo de força e de eternidade.

“Os Cedros são os monumentos naturais mais célebres do universo. A religião, a poesia e a história igualmente os consagrou. São seres divinos sob formas de árvores” – Lamartine, Poeta francês – Século XIX

Temos conhecimento do Cedro do Líbano desde o ano 3.000 a.C. (três mil antes de Cristo), quando a cidade de Biblos Jbeil era um centro de comércio muito importante da antiga Fenícia, junto ao Mar Mediterrâneo. O papiro de Unamon, datado do século XI a.C. testemunha o intercâmbio comercial entre o Líbano e o Egito. Unamon narra que foi encarregado pelo Grande Sacerdote do Deus Amon, de Tebas, para procurar os famosos Cedros do Líbano afim de construir o barco sagrado à divindade.

O Cedro do Líbano marcou sua presença na história da humanidade:

– os fenícios empregavam sua madeira na construção de embarcações, utilizadas para a navegação no Mar Mediterrâneo e no Oceano Atlântico. Grandes navegadores, contornaram o continente africano e chegaram até mesmo ao litoral brasileiro, onde na Paraíba foram encontradas inscrições fenícias;

– segundo a Bíblia, o Rei Salomão construiu seu famoso templo com a madeira dos cedros libaneses;

A madeira do cedro era perfumada e utilizada pelos faraós do Egito para mumificar os mortos;

– os turcos foram quem mais utilizaram a madeira do cedro.

Houve uma época em que até cem mil empregados cortavam as árvores para extrair o cedro. Destes, dez mil apenas para trazer água para os outros. Hoje temos dezoito florestas. Na floresta de Bcharri, floresta relíquia (1290 metros de altitude), há 375 (trezentos e setenta e cinco) árvores, duas trimilenares e dez milenares (mais de 1500 anos). Temos ainda a floresta de Jaj Laqlouk e a Floresta de Barouk Maaser Ghouf (quase seis milhões de árvores antigas e novas), entre outras.

O cedro cresce muito devagar. Pode atingir até 40 (quarenta) metros de altura e 14 (quatorze) de diâmetro de tronco.

Em 1985 (mil novecentos e oitenta e cinco) foi criada uma associação chamada Amigos da Floresta dos Cedros e tinha como objetivo plantar novos cedros sobre as montanhas do Líbano e reflorestar a região que foi devastada. No ano de 1995 (mil novecentos e noventa e cinco), esta organização fez um concurso de desenho sobre o Cedro do Líbano, 60 (sessenta) escolas participaram e o resultado foi 15 (quinze) mil desenhos feitos por crianças libanesas de 7 a 15 (sete a quinze) anos de idade. Esta organização ensinou às crianças sobre como plantar e tratar dos cedros, e os jovens fizeram uma grande plantação de cedros sobre as montanhas.

O cedro do Líbano é mais que uma árvore, é o símbolo do Líbano, foi escolhido como emblema da bandeira libanesa, porque se identifica com a força e a imortalidade.

“Um cedro sempre verde é um povo sempre jovem, apesar de um passado cruel. Embora ter sido oprimido, jamais conquistado. O Cedro é um sinal de união. E pela união, poderia enfrentar todos os ataques.”

Texto da proclamação do Grande Líbano como Estado Independente em 1920.

Informações sobre os cedros

Nos primeiros três anos de vida do cedro, as raízes crescem até um metro e meio de profundidade, enquanto a planta tem só 4 a 5 (quatro a cinco) centímetros. Aos quatro anos o cedro começa a crescer – 20 centímetros a cada ano – e só aos 40 (quarenta) anos produz sementes.

Lugares interessantes para visitar

– Vale Quadisha e Gruta de Quadisha, perto da floresta de cedros de Bcharri;

– Cemitério e museu de Gibran Khalil Gibran, o famoso poeta e escritor libanês que escreveu o livro “O Profeta”;

– no inverno, os centros de ski são Comete Saouda, a 3.100 (três mil e cem) metros de altitude. É de onde podemos ver todas as encostas do Líbano e até mesmo as ilhas de Chipre;

– Onyoun Orchoch: um lindo lugar em meio à natureza, onde se pode comer peixes frescos e beber arak com cubos de neve ao invés de cubos de gelo, mesmo no verão.

* * *

A Academia Piracicabana de Letras é uma entidade que possibilita revelações de nossos conhecimentos e compreensão da vida, bem como expressarmos aspectos de interesse literário.

Nesse sentido, destaco a vida filosófica e humanitária que teve o libanês, escritor Gibran Khalil Gibran. Refletimos na obra literária de outro libanês, Mussa Kurahen, que se alicerçou na carta de Gumercindo Fleury, projetando os fatos culturais e filosóficos do escritor Gibran. O mundo conhece em todos os idiomas, para alimentar os corações dos sonhadores.

Gibran, com a sensibilidade de seu povo heroico escreveu para o mundo, este artigo que reproduzimos aos nossos leitores, que se intitula:

Oração ao Trabalho

Nos seres vivos. Amo o trabalho.

Amo o trabalho intelectual, que cria imagens vitais, belas, variadas e úteis, do pó e do éter das fantasias.

Amo aquele que, ao lado da macieira herdada, planta outra árvore, E aquele que adquire uma vinha, e trabalha e não descansa até duplicar a renda da produção.

Amo o que recolhe as madeiras úmidas e abandonadas, para transformá-las em berços ou em guitarras cheias de melodias,

Amo o indivíduo que faz das rochas estátuas, habitações ou templos.

Amo dentre os homens o trabalhador.

Amo aquele que faz do barro em artefatos para guardar o guardar o perfume, o azeite, ou o vinho. E aquele que faz do algodão camisas, da lã, abrigos, e, da púrpura, seda.

Amo o ferreiro que não bate o pesado machado sem deslizar com ele algo de seu próprio sangue. E ao alfaiate que cose as vestimentas com fios entrelaçados, com fios da luz dos próprios olhos.

Amo o carpinteiro que não prega nenhum prego sem sepultar com ele seu vigor. Amo-os todos, inteiramente; seus dedos impregnados com os elementos da terra. Seus rostos que refletem rasgos de fortaleza e de paciência. Suas fontes radiantes com joia do esforço.

E em meu coração sinto um carinho profundo pelo pastor que, cada manhã, conduz os rebanhos em direção dos verdes prados, até os cristalinos arroios, e fala com eles, durante todo o dia, com seu bastão. E quando anoitece, os traz ao curral, para que desfrute o repouso tranquilo.

Amo o trabalhador, porque vela os nossos dias e nossas noites, e o amo, porque nos arranja alimento, tendo de privar-se dele; amo-o porque fia e tece para nos cobrirmos com nossa indumentárias, enquanto a esposa e os filhos continuam com roupas velhas. Porque constrói os altos edifícios e habita míseras cabanas. Amo seu doce sorriso e o olhar de liberdade e independência de seus olhos.

Amo o trabalhador porque, por sua modéstia, se crê laçao, sendo ele o verdadeiro amo. O amo porque, por seu recato, supõe-se um ramo, sendo a autêntica raiz. Amo-o, por pudor, te agradece

quando lhe pagas o salário, antes que tu lhe exprimas os agradecimentos. E se ponderas sua obra; verás lágrimas nos seus olhos.

E que posso dizer daquele que abomina o trabalhador? Por preguiça de seu corpo e de seu espírito? E do que recusa o trabalho porque não tem necessidade de dinheiro? E de quem desdenha o trabalho porque se julga muito superior ao que salpica suas mãos com as emoções da terra?

Que posso dizer daqueles que se assentam à mesa da existência sem colocar nela um só pão de farinha de seus brios, nem uma taça do produto de sua constância?

Que posso dizer dos que colhem o que não semearam?

Não se pode dizer deles mais nem menos do que se diz das plantas e insetos parasíticos, que extraem o sustento da seiva das plantas ativas e do sangue do animal laborioso.

Não. Nem mais nem menos posso dizer deles do que diria de um gatuno que furta as joias da noiva na noite de núpcias.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO EVALDO VICENTE
Cadeira n° 23— Patrono: Leo Vaz

Por exclamações de Adriano Nogueira!!!

É das pessoas que, quando parte, independente de idade, vão cedo demais. Adriano Nogueira morreu aos 76 anos, cedo demais para todos, de A Tribuna, que conviviam pelo menos uma vez por mês, quando editava o seu, e nosso, Linguagem Viva. Ao lado da sempre agradável amiga Rosani Abou Adal – que continua a saga –, Adriana revisava as edições com capricho incomparável, detalhes mínimos lhe chamavam a atenção e a edição do jornal Linguagem Viva, uma após a outra, era sempre um filho seu, da Rosani, e de A Tribuna. Uma parceria que deu certo, vem dando certo e continuará dentro de tudo o que for possível. Continuar o Linguagem Viva é continuar uma história de admiração, de respeito e de gratidão a Adriano Nogueira.

Aqui, fazer a leitura da biografia de Adriano Nogueira é dispensado, dispensável ou desnecessário. Aqui, Adriano Nogueira é Adriano Nogueira, sempre Adriano Nogueira. Seus bons-bons de chocolate, suas balinhas, seus convites para um chopinho ou para um jantar, num bar qualquer, era prazer que não se dispensava. E que falta faz, hoje! Sempre estava atento em pagar a conta, porque sabia – sem falar, sem perguntar – que a vida difícil de um jornal pequeno não remunerava, nem remunerava, tanto. Quando alguém recusava seu convite, só seria por doença, e daí Adriano ficava preocupado. Que saber de todos de A Tribuna, porque ele plantou, aqui, um ponto de exclamação!

Seu livro, “Registros Literários”, foi uma glória. Não para ele, mas para os seus amigos, os que partiram e os que estavam vivos na época. Ele queria registrar a vida dos literatos seus amigos, os que ele os conheceu bem, com os quais conviveu. Fez, do seu livro, um glória para os outros, sem

qualquer custo para alguém, colocando seus ganhos a favor da literatura, da história, do bem comum, dos seus familiares e dos seus amigos. Uma letra miúda, tipicamente sua, marcou as dedicatórias, as expressões máximas do seu coração. Tinha gosto pelo que fazia, tinha gosto em expor ideias.

A última vez que viajamos foi a São Paulo, compromissos diversos, entre os quais a entrega dos exemplares de *Linguagem Viva* ao escritório de Rosani, para enviar para todo o Brasil. Caminhamos pela rua Barão de Itapetininga, a partir da Praça da República, e Adriano sentiu falta de ar. Foram 15 dias antes da sua morte e eu fiquei aflito, carreguei todos os pacotes, sozinho, longe dele fazer qualquer esforço: a cada cinco passos, parávamos, ele e eu. Eu, pela carga; ele, pela falta de respiração que o abatia. Mas era a circulação em dificuldade, que depois seria atestada.

Fizemos, eu e Adriano, muitas viagens, pelos jornais do interior, congressos, lançamentos de livros na região. Um deles, em São Manuel, de autoria da saudosa professora Rosa Aparecida Innocenti Dinhane, “Nas Ilhas do meu mar”, quando representou a Academia Piracicabana de Letras (APL). Voltamos tarde, bem noite, virando a madrugada de uma sexta para sábado, e chegamos na Praça José Bonifácio, na Brasserie dos irmãos Lescovar. Evaldo Filho – criança ainda – já entendia a alegria de Adriano Nogueira.

Foi tudo muito bom!, exclamava e fazia positivo com o polegar direito, enquanto batia a língua entre os dentes, cheios de saliva, porque era momento de um chope só! Dois só! Três só! Quatro só! Cinco só! Seis só! E, por aí afora, as exclamações vinham do agradável, tranquilo, sereno, altivo, fraterno, sábio e inteligente Adriano Nogueira, traduzido em saudade dez anos depois de sua morte, em falta nos 25 anos de *Linguagem Viva* e, mais ainda, lembrança dos 45 anos que o conheci, no começo do meu tempo no jornal *O Diário*, de Piracicaba.

Evaldo Vicente, é jornalista, diretor dos jornais *A Tribuna Piracicabana*, *A Tribuna de São Pedro*, *A Tribuna de Rio das Pedras*, e *Semanário de Santa Terezinha* (Distrito de Piracicaba).

Contato: evaldo@tribunatp.com.br

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FELISBINO DE ALMEIDA LEME
Cadeira n° 8 – Patrono: Fortunato Losso Neto

Canto de Paz

Canto de paz,
Clama o coração.
Gesto que se faz,
No amar o irmão.

Sorriso de criança,
Semblante de alegria.
Limiar de esperança,
Clareando novo dia.

Bondade infinita,
Amor que satisfaz.
Na música bendita,
Ouço Canto de Paz!

Lágrimas de Felicidade

Cascata de humildade,
Molhando o coração.
Em sua simplicidade,
Poeta se inspira na emoção.

Pingo na melodia,
Versos gerando amor.
Na magia do dia,
Sonha o trovador.

Dedilha na esperança,
O violão – fidelidade.
Chorando como criança,
Lágrimas de felicidade.

Na magia da solidariedade

Na magia da solidariedade,
Encontrei verdadeiro amor.
Senti a fé e a felicidade,
Com força além do esplendor.

Mãos unindo calorosamente,
Corações explodindo alegria.
Um grito fervorosamente,
E a paz vivendo no dia a dia.

Evento consagrado esperança,
Irmãos sentindo fraternidade.
Hoje, vem para nós a bonança,
Na magia da solidariedade.

Nascer do sol

Naquela casa pequenina,
Lá no alto da serra.
Jorrava água cristalina,
Lavando toda a terra.

Sentia como garimpeiro,
Abraçando a natureza.
Como se o mundo inteiro,
Se unisse com firmeza.

No canto do passarinho,
Ao abrir do girassol.
A noite vai, de mansinho,
Já é o nascer do sol.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GERALDO VICTORINO DE FRANÇA

Cadeira n° 27 – Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

Conhecendo os animais pré-históricos

É grande o número de animais que existiram sobre a superfície terrestre ou no mar e depois desapareceram. Porém, a sua existência é comprovada pelos fósseis que deixaram.

Os geólogos dividem a história da terra em dois grandes períodos, de duração desigual e denominados “eons”; a) Eon Criptozóico (do grego “vida oculta”); b) Eon Fanerozóico (do grego “vida visível”).

O Eon Criptozóico abrange o longo período que vai desde os primórdios até cerca de 600 milhões de anos atrás, ou seja, durou aproximadamente 3 bilhões de anos. Já o Eon Fanerozóico tem duração bem menor, pois iniciou-se há 600 milhões de anos, estendendo-se até hoje.

As rochas criptozóicas – granitos, gnaisses e xistos – revelam poucos fósseis desse longo período. Os animais eram predominantemente aquáticos e poucos deles possuíam partes duras, como carcaças, conchas e ossos que pudessem ser fossilizadas. Porém, os poucos vestígios encontrados permitem admitir que a vida surgiu no mar.

O Eon Fanerozóico é subdividido em três eras: a) Paleozóico (do grego “vida antiga”); b) Mesozóico (do grego “vida intermediária”); c) Cenozóico (do grego “vida recente”).

Assim como o eon antigo foi muito mais longo do que o mais recente, as três eras apresentam durações diferentes. A era Paleozóica teve a duração de 370 milhões de anos; a era Mesozóica durou apenas 167 milhões de anos; e a era Cenozóica iniciou-se apenas há 63 milhões de anos.

Dentre os animais do início da era Paleozóica, destacam-se os trilobitas – artrópodes primitivos; em seguida apareceram moluscos cefalópodes (amonites), corais e os primeiros peixes, anfíbios e répteis.

Na era Mesozóica surgiram os dinossauros – grandes répteis que passaram a dominar, tanto na terra como no mar; surgiram também as primeiras aves (arqueópterix).

A maioria dos dinossauros eram herbívoros, como o diplodoco, o brontossauro e o estegossauro. Porém, alguns eram carnívoros vorazes, como o ictiosauro, o alossauro e o tiranossauro. Passados 100 milhões de anos, extinguíram-se os dinossauros e multiplicaram-se os pequenos mamíferos primitivos. A seguir, surgiram os mamíferos de porte maior, entre eles os macacos antropóides. Finalmente, surgiu o homem primitivo (pitecântropo).

A era Cenozóica caracteriza-se pelo grande desenvolvimento dos mamíferos e do homem. Dentre os mamíferos extintos, destacam-se o mamute e o tigre-de-dentes-de-sabre.

Conhecendo os vulcões

Pode-se definir vulcão como uma abertura na crosta terrestre através da qual ocorrem erupções de gases, cinzas e lava, sob temperaturas elevadas. A saída do material é feita por um conduto, chamado chaminé, cuja parte superior tem, em geral, a forma de um funil, chamado cratera; e que geralmente se apresenta guarnecida por um cone, chamado cone vulcânico.

O material expelido pelos vulcões consiste principalmente de gases, mas também de grande quantidade de magma sob a forma de lava e, às vezes, também de material sólido formado de cinzas e, eventualmente, de fragmentos de rochas.

Cerca de 450 vulcões entraram em erupção nos últimos tempos, sendo considerados ativos ou intermitentes; enquanto os vulcões extintos atingem vários milhares. Há vulcões em constante atividade, como o Strômboli, na Itália; porém, na maioria dos casos, um período curto de atividade é seguido por outro longo de repouso.

Os vulcões podem ser classificados em: explosivos, intermediários e quietos. No tipo explosivo, o material expelido consiste de gases misturados com cinzas, geralmente sem lava. O tipo quieto lança exclusivamente lava. O tipo intermediário, que inclui a maioria dos vulcões, apresenta características dos outros dois tipos.

Exemplo de vulcão explosivo é o Krakatoa, localizado numa pequena ilha entre Sumatra e Java. Os vulcões das ilhas Hawai, na Oceania, são do tipo quieto; e o Strômboli é um exemplo de vulcão intermediário.

O Vesúvio, situado perto da costa da Baía de Nápoles (Itália), é o vulcão mais conhecido. No ano 79 da nossa era, entrou em violenta explosão que sepultou a cidade de Pompeia.

No Brasil não ocorrem vulcões ativos, mas existem muitos indícios de atividade vulcânica no passado.

Conhecendo os terremotos

Terremotos são tremores de terra causados por movimentos bruscos da crosta terrestre. Ocorrem com intensidade variável, desde os que são imperceptíveis, registrados apenas por sismógrafos, até os cataclismas, que causam deslocamentos de terra e desmoronamentos.

A maioria dos terremotos é de origem tectônica, ligados a falhamentos geológicos. Ao longo das falhas geológicas, os blocos de rochas, de um e de outro lado, procuram acomodar-

-se, para restabelecer o equilíbrio. Muitas vezes a acomodação é brusca, e a enorme energia gerada se manifesta numa vibração da camada rochosa, que é transmitida a milhares de quilômetros. Outra causa, menos importante, é o deslizamento subterrâneo do magma em regiões de vulcanismo ativo, como nas Ilhas Hawai.

Os terremotos na crosta oceânica, chamados maremotos, provocam os "tsunamis"

- ondas enormes que chegam a 12 metros de altura, que se propagam por milhares de quilômetros no oceano, podendo causar grandes danos às embarcações e áreas litorâneas.

Os terremotos são mais frequentes nas regiões de atividade vulcânica recente, havendo duas zonas principais: a) uma que rodeia o Oceano Pacífico, onde se concentram numerosos vulcões, chamada "cinturão de fogo" ;

b) outra que se estende através da Ásia Meridional e do Mar Mediterrâneo. São regiões instáveis, com cordilheiras de idade geológica recente (Andes, Alpes, Himalaia).

O tremor raramente dura mais de um ou dois minutos, mas pode abrir fendas no terreno, derrubar edifícios e causar perdas de vidas humanas, como tem acontecido no Japão, Itália, Chile e costa ocidental dos Estados Unidos.

Conhecendo os desertos

No conceito popular deserto é uma região quente e de baixa precipitação, coberta de areias ou pedras, onde a vegetação é escassa. Todavia, bem mais amplo é o conceito científico, que considera deserto qualquer região, quente ou fria, onde há acentuada deficiência de água para o desenvolvimento normal das plantas. Assim, existem três diferentes

tipos de deserto: a) quente e seco durante o ano todo, como o deserto do Saara, no norte da África; b) seco o ano inteiro, mas quente no verão e frio no inverno, como o deserto de Gobi, na Ásia Central; c) frio durante o ano todo, como a Tundra, no norte do Canadá e da Rússia, onde a vegetação se restringe a musgos e líquens.

Também podem ser consideradas como desertos as regiões polares, constituídas pelo Ártico e pela Antártida, onde a cobertura de gelo impede o crescimento de vegetação.

No seu conceito mais amplo, os desertos ocupam aproximadamente 40% da superfície terrestre, sendo cerca de 20% de desertos secos, com precipitação anual inferior a 250mm (regiões áridas). O deserto mais seco do mundo é o de Atacama, na costa norte do Chile, onde a precipitação anual média é inferior a 1mm!

Um fato preocupante é que a área de desertos tende a aumentar, devido ao processo de desertificação - um processo lento e gradual, causado pelo mau uso do solo nas regiões semiáridas (erosão, salinização do solo) e/ou mudança climática.

A vegetação dos desertos das regiões áridas é adaptada à escassez de água, sendo representada por: a) plantas xerófitas (ou suculentas) - que armazenam água, como Cactáceas e Bromeliáceas; b) plantas efemerófitas, isto é, com ciclo vegetativo muito curto, correspondente ao curto período de chuvas raras. A fauna é representada por espécies adaptadas, como camelo, pequenos roedores, cobras e lagartos.

Nos desertos arenosos há a formação de dunas. À exceção dos grandes rios, como o Nilo, os cursos d'água são temporários, com a presença ocasional de oásis.

Verbetes extraídos da coleção "Aprendendo com o Voinho" de autoria de Geraldo Victorino de França

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM
Cadeira no. 29 – Patrona: Laudelina Cotrim de Castro

Num Dois de Novembro

Rebuscando em meus arquivos, nos quais guardo coisas de minha infância, reencontrei um caderno, já querendo amarelar, no qual há manuscritos valiosos para mim, pois ali se acham alguns textos que escrevi a partir de meus 13 até 19 anos. Não são muitos, na sua quase totalidade, poesias. De algumas eu me lembrava, outras já as olvidara. Foi interessante reler os títulos (em ordem cronológica): 15 de Novembro, São Paulo Futebol Clube, Brasil, Piracicaba, Minha Terra Natal, Ilusão, Esperança, Num dois de novembro, Acróstico, Um versinho para você, A vida, Meia noite, Quem espera, desespera!

Li alhures que os escritores começam sua atividade escrevendo versos. Não me considero escritor, porém foi desse modo que iniciei meus rabiscos. E diga-se que, depois das minhas 20 primaveras, a fonte de rimas e a métrica secaram, mas os textos em prosa proliferaram. Pois bem, fiz todo esse introito, porque, pensando no que escreveria para cumprir o compromisso assumido com a revista da Academia Piracicabana de Letras, ou seja, entregar um artigo para publicação em outubro, me veio à mente a seguinte indagação: por que não publicar um dos meus poemas escritos quando eu tinha 16 anos? E havia também uma coincidência: logo viria novembro e o melhor dos meus poemas de então versava sobre Finados. Ótima saída!

Antes de transcrevê-lo, vou contar como ele foi gestado. Eu cursava o 1º ano do curso científico (equivalente ao ensino médio de hoje), no Instituto de Educação “Sud Mennuc-

ci”, onde usufruí do enorme privilégio de ter como mestre na cadeira de língua portuguesa, o Professor Benedicto de Andrade, negro cultíssimo, poliglota, grande orador, excelente escritor, conhecedor profundo do vernáculo, bem humorado e bastante exigente. Ninguém perdia suas aulas. No final de 1952, a classe teve como tarefa de casa, escrever um texto, cujo tema era livre, podendo ser uma descrição, narração, crônica, conto, poema, cuja nota comporia a média mensal. Tive um estalo: está chegando o Dia de Finados, vou criar um poema sobre essa data. Redigi os versos e despretensiosamente os entreguei ao professor, que tinha muito contato com o “Jornal de Piracicaba” para o qual ele colaborava, e local que ele apreciava frequentar. Pois bem, ele gostou tanto do meu trabalho, que me fez uma inesquecível surpresa publicando nesse periódico a poesia que eu havia escrito como tarefa de casa. A emoção foi grande, pois foi o primeiro texto de minha lavra, que li em letras de imprensa. Podem imaginar a minha emoção e o meu contentamento extravasados .

Agora, depois de tantos anos, vou vê-lo impresso pela segunda vez, exatamente como está no original, sem qualquer revisão. Ei-lo:

Num Dois de Novembro

I

Almas que já moram, lá, nos altos céus,
e restos mortais, representantes delas,
que jazem em sepulcros ou em mausoléus,
rodeados de flores, c'roas e velas.

II

Finados! Vaguei por muitos campos santos,
por entre sepulcros e ricos jazigos.
Vi terra molhada por saudosos prantos,
de pessoas chorando os que foram amigos.
Havia sepulturas grandes, lindas, caras,
até parecendo-se co'a de Mausolo,
sustendo epitáfios, onde tu exaras,
oh! homem vaidoso, letras de consolo.

III

Porém, o que mais me chocou, neste dia,
Foi que esses sepulcros geralmente são
de criaturas, que a mesma coisa seria,
se tivessem visto a luz do sol ou não.
Pertencem, por vezes, a endinheirados,
Que esbanjaram seus tesouros tentadores
co'o seu egoísmo, sem aos desgraçados,
dar ou socorrer nas suas lutas e dores.

IV

Vi, também, pequenas e símplices covas,
marcadas por uma cruz e sem mais nada,
a não ser algumas c'roas, não muito novas,
flores murchas, tocos de vela apagada.
Não havia tão pouco aí, um só ser,
chorando. Soprava, só, o vento mordaz,
tentando levar a cruz, para não se ler,
os dizeres mui singelos: "Aqui jaz".

V

Aí estão heróis famosos sepultados,
e que deram suas vidas em benefício
da humanidade. Célebres soldados
que lutaram contra as doenças ou o vício;
são homens os quais nós lhes perpetuamos
a memória por inventos sem igual.
Esqueceram suas vidas. Nós os louvamos,
pois viveram para minorar o mal.

VI

Temos muitos desses seres abnegados
como Guttemberg, Santos Dumont ou Bell,
os quais certamente estão lá, sepultados,
sim, lá, no bonito e almejado céu.
Podemos desses fazer listas sem fim:
Carlos Gomes, Padre Gusmão, Rui, Cabral,
Marconi, Colombo, Ford, Hertz, Zeppelin,
Copérnico, Newton, Fulton e Pascal.

VII

Quanta injustiça há no grande e vasto mundo!
Aqui uma vida desprendida e útil,
ressonando numa cova tão somente.
Ali, um errante e rico vagabundo,
que teve existência sem razão e fútil,
em um mausoléu, ornado ricamente.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA HOMERO ANEFALOS
Cadeira nº 30 – Patrono: Jorge Anefalos

Maconha é liberada no Uruguai

Recentemente, após novos estudos realizados no país vizinho, o URUGUAI, país que já pertenceu ao Brasil, concluiu que a maconha possui especiais elementos medicinais que servem para curar várias doenças.

Segundo os estudos, a MARIJUANA, deixando de ser considerada com o seu uso como crime, passa a ser liberada face seu uso medicinal com controle ESTATAL.

Existem manifestações em diversos países, pela liberação do uso da marijuana, face conter indiscutíveis elementos medicinais que podem tratar certas doenças humanas.

Os estudos à respeito, em diversos países, trazem expectativa sob a liberação do seu uso, com controle médico.

Na atualidade: a maconha é entorpecente

À lei penal em vigor é prevista no art. 281 do Código Penal Vigente considera a maconha e outras substâncias tóxicas como entorpecentes perante a Lei Penal.

Os menores de 18 anos não são processados pela Lei Penal em vigor.

Estudos atuais pretendem reduzir a menoridade penal para combater este crime.

A Organização Mundial de Saúde (O.M.S.) tem tratado devidamente os problemas causados pelas substâncias entorpecentes separando-as em dois grupos: substâncias toxicomanógenas (grupo I) e substâncias habituógenas (Grupo II).

A maconha, cujo nome científico é CANNABIS SATI-

VA L, recebe várias denominações, sempre dependendo do lugar onde é cultivada e usada.

No Brasil e na África Portuguesa é conhecida por maconha, erva do diabo, erva maldita, liamba, riamba, fumo d'Angela etc; nos Estados Unidos e outros países Latinos Americanos toma o nome de marijuana; no Egito e na Turquia é conhecida por haschich ou haxixe; na Pérsia e na Índia é denominada de charas, ganja, gaugh; na Rússia shmali, anish, hash; na África do Sul é dagga.

Viciados e traficantes desafiam a Lei

Os traficantes atualmente utilizam-se de menores de idade para a comercialização da “erva maldita” ao viciado, em qualquer local, inclusive próximo de escolas, não temendo nem a proximidade de Delegacias de Polícia.

Os menores traficantes não recebem punição a exemplo dos traficantes maiores de idade. Estudos e mais estudos pretendem penalizar os menores traficantes de tóxico de toda natureza.

A droga age diretamente no sistema nervoso central do indivíduo provocando sintomas que varia de pessoa para pessoa.

Toxicômano pode e deve ser tratado

Existem, em nosso país, inúmeras casas de saúde que tratam da recuperação de toxicômanos para o seu total reestabelecimento.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE
NEGRI

Cadeira n° 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

Silêncios

A polifonia flui
em todas as coisas
desde o raiar dos tempos

Águas rasgam-se nos vãos das rochas
e discursam caladas

O vento sussurra
na mansidão das campinas
e eleva-se pelas colinas

Florestas rogam por socorro
sob o jugo do machado
e da serra inclemente

Bocas amordaçadas,
gargantas cortadas,
anseiam pelo grito de liberdade
que jamais ecoará

Enquanto olhos esbugalhados
desprovidos de palavras
fazem sermão eloquente
Silêncios voláteis
falam sob as tumbas
ressoam pelos umbrais
e nas torres das catedrais

Nas masmorras,
nos porões,
vozes emudecidas
imploram por suas vidas

Tudo fala
tudo berra
tudo grita
Mas só uns poucos eleitos
têm ouvidos de ouvir silêncios...



Tempus Fugit

O tempo, que não é palpável e nem pode ser medido, faz analogia com o coelho branco da Alice no país das maravilhas. Sempre apressado à nossa frente, levando seu imenso relógio de ponteiros malucos, a gritar: “é tarde, é tarde, é tarde é muito tarde!”. Corremos loucamente atrás dele mas nunca conseguimos alcançá-lo. Não é confiável, quando chegamos perto, escapa como um peixe liso e escorregadio. Jamais conseguimos prendê-lo ou mesmo tocá-lo.

E enquanto corremos atrás do tempo, e sem que percebamos, ele vai nos consumindo. Primeiro, nos captura a infância, tão bela, fugaz que se esvai em instantes. Depois, nos surrupia a juventude, o frescor, a beleza, e vai retirando tudo até que nada mais reste além de um débil sopro de vida. E essa nívea

entidade, de aparência inocente, que perseguimos tanto e tanto, e em vão, um dia nos dá o golpe final: rouba-nos a Vida!

Ah! Coelho Branco, guardião do tempo, por que nos furtas sem que ao menos possamos compreender-te?

O desfile de imagens mentais nos reporta a professoras, às primeiras letras, casa dos avós, madrinhas, tios, primos, animais de estimação, férias na praia, mas tudo se liquefaz nos tentáculos do tempo. Amores, dores, vitórias, tragédias, mágoas, alegrias, tudo se dissipa e se rompe como bolhas de sabão. Num instante são, e no outro não são, pois não existem mais.

Após sermos subtraídos de tudo, pela primeira vez, ele parece nos dizer: “Eu não vos roubei nada, correstes atrás de mim à toa. Sou apenas uma ilusão. Em vossa tresloucada corrida nem captastes o essencial. A morte é o tempo que para.”

Só quando já não temos mais nada, é que compreendemos o mistério do tempo. Mas daí, já é tarde, a corrida foi vã, pois não nos levou a lugar algum. Como na história da Alice, onde ela anda em círculos e não sai do lugar.

Alice para o coelho branco: “Quanto tempo dura o eterno?”

Coelho branco para Alice: “Às vezes, apenas um segundo...”

Alice: “Dizem que o tempo resolve tudo. A questão é: quanto tempo?”

“Existe somente um tempo para a gente ser feliz, somente uma época na vida de cada pessoa em que é possível sonhar e fazer planos e ter energia bastante para realizá-los a despeito de todas as dificuldades e obstáculos. E esse período, tão fugaz na vida da gente, chama-se PRESENTE e tem a duração do instante que passa...”

Quando o nosso tempo se esgota, partimos, despedidos de todas as vestes mundanas, de todos os laços e amarras que nos prendiam.

Livres, leves, desapegados, levando apenas fragmentos de sonhos e esperanças. E tendo a certeza de que não precisaremos mais correr atrás do enigma do tempo.

Ele nem existe!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO UMBERTO NASSIF
Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente José de Moraes Barros

João da Curva

Todo aglomerado de pessoas tem em seu seio os tipos mais diversos imagináveis. Ao que consta em maior ou menor grau ocorre mundo afora. Piracicaba e arredores conservam algumas dessas tradições, e têm a lembrança de estórias de tipos característicos. Um desses tipos, cujo nome real eu conheço, bem como o local em que residia, de fato ele existiu. Por ora prefiro manter apenas a alcunha como era conhecido: João da Curva. Dois fatos por ele narrados são muito conhecidos. João da Curva ganhou esse apelido após contar com toda eloquência e afirmar com veemência sua triste sina de exímio caçador, e a sua esperteza. Bom de tiro, nenhum animal de caça atrevia a se expor quando a presença de João da Curva era anunciada pelo escarcéu de aves e animais. Era avistar, mirar e buscar o animal abatido. Naqueles tempos havia onça, veados, codornas. João da Curva avistou um veado, apontou, puxou o gatilho, A bala seguiu em linha reta enquanto o veado contornava uma pedra, correu atrás, mas o bicho já estava embrenhado na mata. Naquela noite João não dormiu. Virava de um lado para outro. “-Que maçada! Perder aquele tiro!”. Até a comadre deitada ao seu lado estrilou: “- Se aquiete homem de Deus!”. João dormiu. Sonhou. O veado gargalhando as suas custas. João acordou nervoso, levantou-se, tomou café e foi até a oficina do Carlão Ferreiro. Meia hora depois Carlão decidiu fazer o que João lhe pedia, sabia que teimar com aquele homem não adiantava nada. Só tomou o cuidado de olhar se a espingarda não estava carregada. Pisou no fole, deu calor na forja, e com o auxílio de uma tenaz foi dando ao cano da

espingarda a curvatura que João queria. Uns quarenta minutos depois estava pronta: uma espingarda com cano em curva. Carlão não cobrou nada pelo serviço, só fez duas exigências: que João não experimentasse aquilo dentro da oficina e que se alguma fatalidade acontecesse com aquela coisa, a alma penada de João não o viesse perturbar. Excitado, João foi para a área em que caçava. Por três dias nada de aparecer o veado. No quarto dia, estava para desistir, quando aparece a caça tão esperada. João da Curva, pegou sua espingarda com o cano curvo, mirou, o bicho saiu às carreiras, virou na pedra, João só escutou o baque. Tinha acertado em cheio. A bala acompanhou a curva do cano da espingarda conforme planejava. A partir desse momento ele passou a ser conhecido por todos como João da Curva. Quem viveu naquela época diz que é fato. Um dia passando pela Rua Prudente de Moraes, em frente a Relojoaria Muller, João da Curva viu a oitava maravilha do mundo: um relógio de pulso, dourado. Foi paixão a primeira vista. Por uma semana João andava com o braço quase na posição horizontal, quando ninguém dizia nada a respeito do relógio ele perguntava a que horas o bonde ia passar, fazia questão de olhar e mostrar aquela beleza de relógio. Era no tempo em que os relógios funcionavam após dar corda no mesmo. Girava-se por nove vezes o pino e pronto, teria hora certa o dia todo. Afeito a natureza, outro passatempo de João da Curva era pescar. O Rio Piracicaba estava cheio, “-Peixe com menos de cinco quilos devolvo para o rio”, bravateava João. Em uma tarde modorrenta, ele estava de olhos semi-cerrados, na barranca do rio, sentiu um puxão na vara, foi o início de uma luta pela sobrevivência, um enorme pintado, João transpirava, o chão escorregadio, o peixe desesperado, a vara quase partindo, uma luta de vida ou morte, meia hora depois, homem e peixe decidiram o combate. João da Curva triunfante puxou o bitelo para o barranco. Tinha para mais de doze quilos. Ali encerrou a pescaria. João da Curva subiu a Rua Moraes Barros, carregando o peixe como troféu. Tinha que parar, mostrar, contar como foi o embate. Isso até che-

gar à Rua Alferes José Caetano, onde morava. A comadre Sebastiana, quando viu disse-lhe: “-Mas que lindeza de peixe João! Você trocou pelo relógio?”. Um frio correu pelas costas de João. Deixou o peixe na pia da cozinha e voltou correndo até a beira do Rio Piracicaba. A pulseira de metal abriu-se e o relógio tinha caído. Desesperado, João procurou até não enxergar mais nada com a chegada da noite. Acabrunhado, voltou. Tinha perdido parte do seu orgulho. Ficou tão bravo que nem pensou em substituir por outro. Não existia outro igual. O tempo, senhor da razão, encarregou-se de fazer justiça. Seis meses depois do nefasto acontecimento, João da Curva estava no mesmo local pescando. Um silêncio que dava para ouvir as asas das borboletas em movimento. Quase adormecendo, João escutou; “Tic-tac! Tic-tac! Tic-tac! Abaixou-se, junto a margem do rio tinha um galho de mato, dependurado nele o relógio! Rapidamente apanhou, beijou aquela joia, pulou, dançou! Quando compadre Pedro perguntou: “- João, cumé que funcionava o relógio se era a corda?” João respondeu-lhe na hora “- Pois é compadre, eu também pensei nisso, só que olhei e tinha um outro galhinho que raspava no pino dando-lhe corda conforme o vento balançava!”. Boquiaberto, compadre Pedro pensou com seus botões: “-Esse é o João da Curva!”. Você pode acreditar ou não, infelizmente João da Curva não está mais vivo para confirmar essas e outras estórias.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI
Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco

Brasil no tempo

Brasil do passado,

Índios transpirando o verde das matas,
bandeirantes buscando prata, ouro
europeus, africanos, orientais
sonhando um lar em solo duradouro.
Torrão de nossos pais, de nossa infância
transcorrida no campo e na cidade,
tempos difíceis de pouco conforto,
mas vividos com muita intensidade.

Brasil do presente,

A miscigenação o fez crescer
em culturas, diferenças sociais.
As indústrias o fizeram mais rico
despontou no cenário mundial.
Porém nem sempre seu povo é feliz.
pois muitas vezes alguns brasileiros
só dão testemunho de desamor,
roubando, destruindo patrimônios
e até o homem que chamou de irmão.

Brasil do futuro

Na folha em branco podem ser escritos
nossos anelos mais acalentados,
sonhos de sentimentos, os mais puros:
os cidadãos querem ser respeitados,
valorizados por dignas leis,
ver governantes mostrarem exemplos
de honestidade e priorização
aos interesses do bem comum.
Quando haverá “ o sol da liberdade”
a brilhar mais no céu da Pátria amada?
Se ocorrer a transformação total
o Brasil, nosso berço tão amado
será fértil celeiro mundial.

Umbrais

Quando vejo as poucas fotos da infância, atento para a porta de entrada e janelas da casa modesta, onde nasci. Foram os primeiros limiares entre o mundo interior, do lar e o exterior.

Eram de madeira rústica. A porta não tinha chave e sim uma tranca de ferro no lado interno; as janelas eram sem vidraças. Na parte superior, todas possuíam tramelas. Bastava girá-las, para o mar verde da cana surgir à nossa frente.

Não sei explicar a razão de me emocionar, pois só morei no casarão com essas janelas e portas, os três primeiros meses de vida. A partir de então, mudamos para a casa nova da fazenda, na qual convivi durante seis anos. Nesse período continuei a frequentar o casarão, como visitante. Atentava então para os detalhes das portas e janelas.

A casa nova do sítio onde fui morar era bonita, com jardim na frente, horta ao lado e todas as janelas tinham vidraças; mais tarde, também nas residências das cidades grandes. E por coincidência, cada vez elas combinavam com o meu próprio “eu interior”. Pesadas, com trincos, difíceis de serem abertas e erguidas. Transmitiam-me muitos medos e senões quando, à noite, vinha a escuridão. Então, “fantasmas” me dificultavam a abertura delas. Felizmente, sempre com muito esforço conseguia abri-las.

Dizem os mais velhos que “os olhos são os espelhos d’alma”; eu diria que portas e janelas também o são, dos ambientes externos e internos. Admiro-as muito, sobretudo quando seus vidros refletem obras de arte, como os vitrais coloridos de majestosas catedrais, que espalham beleza, cultura e muita sensibilidade artística. Tais umbrais permitem a entrada dos raios de sol no recinto, e, nos dias chuvosos, facilitam que espiemos a chuva lá fora. Já à noite, se confundem com a negritude do momento.

Gosto de compará-las à humanidade desde povos e nações oprimidas, até pessoas de todas as classes sociais. Penso que todos sonham com dias melhores, com menos angústias, discriminações, porém, muitas vezes sentem-se fechados, reprimidos no espaço físico em que se encontram, bem como no emocional. Dariam tudo para usufruírem bons momentos, apreciando das janelas abertas, a vida fluir calmamente. Seria muito bom que estes prevalecessem. Os indesejáveis poderiam ser levados para sempre pela brisa amena, que entra no interior das moradas; poderiam ser como as águas do riacho de minha infância, o que passava perto do casarão. Aprendi desde cedo, que elas corriam em direção a rios, mares e jamais retornariam ao mesmo lugar.

Chego à seguinte conclusão: portas e janelas são limitadas, mas são partes importantes dos cenários de nossas histórias pessoais. Talvez, seja por este motivo, o sentimento de uma saudade gostosa, ao contemplar a foto da casa rústica onde nasci, reproduzida em pequena tela, a qual enfeita

as paredes de meu escritório. Nela as janelas se destacam. E por que as comparei a espelhos d'alma? Penso ter descoberto a resposta: enquanto houver sopro de vida material, as encontrarei no caminho, mas sei também, que tentarei abri-las. Acredito ser assim, para a maioria dos seres viventes.

Elas tinham e, ainda têm para mim o vislumbrar envolvente de momentos bons, com janelas sem vidraças a se interporem, deixando-me exposta à sensação prazerosa de libertação, energizada pelo verde da cana, pelo verde-esperança!

Rio das Lembranças

Nas águas do rio das lembranças
muita história fui buscar.
Alegres, outras tristes,
para o mundo poder contar.
Mas, qual não foi a surpresa
elas não vieram à tona,
tive que me conformar e até aceitar,
pois como as águas de um rio
que passam e não voltam mais
o passado ficou esquecido,
na saudade foi morar.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO LINO VITTI
Acadêmico Honorário

Poema a Piracicaba

A beleza das verdes colinas
enamora o audaz capitão.
A esperança dourada das minas
e os mistérios do rico sertão.

O rumor musical da cascata
a que o peixe teimava escalar,
O murmúrio das águas de prata,
todo um mundo de encantos sem par!

Terra roxa, divina promessa,
rio largo a buscar o Tietê.
Tudo corre, engrandece, tem pressa,
Povoador acredita e prevê.

Traça o chão onde um dia a cidade
será grande, quicá capital,
surge no alto, à solar claridade,
a feliz Piracity eternal.

Ei-la em busca de um grande futuro,
muito amada por filhos geniais
que lhe ofertam o afeto mais puro
e acalentam-lhe os nobres ideais.

Ficou “noiva”, casou com o progresso,
da cultura fez sólido ideal.
Fez da agrícola ciência o sucesso
dessa ESALQ de fama mundial.

Pontilhada de escolas soberbas,
berço ativo de profissionais,
venceu lutas hostis mais acerbas,
fez dos sonhos os fatos reais.

Minha histórica Piracicaba,
dona excelsa de idílico véu,
meu, amor, por você, não se acaba,
nem jamais serei cínico incréu.

Que seus filhos da urbe ou da raça
lhe dediquem o mais vivo amor.
Essa vida de amores remoça
no trabalho, realeza e fulgor.

Que o destino ofereça a grandeza
de fazê-la grandiosa e feliz.
Nossa vida a esse amor fique presa
a esse povo que a quer e bendiz.

Eterno Assunto; Ser Feliz

Não saíamos, qual muitos, loucamente,
por caminhos estranhos, à procura,
dessa visão romântica – a ventura –
que seduz e que engana a muita gente.

Nem um passo sequer demos à frente,
nem um gesto sequer, que essa criatura
a um tempo nos alegra e nos tortura
e nos diz a verdade quando mente.

Não, não sair. Melhor será esperá-la
e se um dia vier, por um momento,
bater à nossa porta, entrar deixá-la.

Tem cuidado, porém, e ouvido atento:
nada de acreditarmos no que fala
pois que é tudo fugaz encantamento.

Viver... Sonhar...

Viver é belo enquanto apenas sonho,
é belo o sonho enquanto sonho apenas.
Vai a vida a voar como as falenas,
queima-se tonta num fulgor tristonho.

A sonhar meu viver inteiro ponho,
a catar sonhos ergo mil antenas.
Perco-me a ouvir estranhas cantilenas
no meio deste bátrato medonho.

Vivo, mas vivo o quê, à vida indago?
E mergulho profundo nesse lago
de fantasia inútil de sonhar.

Viver, sonhar, são ambos traidores,
semeiam pranto, amadurecem dores,
não me ensinaram nunca o verbo amar.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA HELENA VIEIRA
AGUIAR CORAZZA

Cadeira n° 3 – Patrono: Luiz de Queiroz

A falta do encanto e do aconchego

Absolutamente, não é questão de romantismo, nem ba-baquice. É questão de conscientização pela omissão, mesmo. A atrapalhão de tanto assunto que existe nos envolvimento da vida atual, sobretudo os da mídia, relacionamentos e dos inúmeros meios de comunicação, dos enfoques tantas vezes ilusórios e passageiros com movimentos e questionamentos perturbadores tal a quantidade que se apresentam, estão deixando o ser humano aparvalhado e despercebido do que realmente se faz necessário para poder curtir a Vida, pois, tudo isso acaba criando uma ansiedade, uma insatisfação na busca atormentada das ilusões, ou um desenfreno pelo novo ou desconhecido, que acaba levando tudo para amarguras e carências quando não, em decepções muito malélicas e até fatais.

Tudo falta de mais atenção cansada de implorar, nesse tempo tão ignorado que, de tanto esperar vai ficando morno, desinteressante, até chegar a ser indiferente (um “tanto faz, como tanto fez...”) acabando por murchar tal flor não regada que acaba por definhar e morrer, ou pior, ficar fria e desencantada... Um desperdício de emoções frustradas, enfim.

O tempo passa muito depressa, a vida vai acontecendo, a distancia separando e o mundo precisando de mais envolvimento uns com os outros, de gentilezas e mais acolhimento esta é a verdade! As pessoas estão “com fome de pão e de amizade” como disse Madre Teresa de Calcutá, e, anda transpirando necessidades, as mais simples e modestas que sejam, gestos cordiais e agradáveis, contanto que existam de fato e

se concretizem. “Mas é preciso ir à procura dessas pessoas”! Estagnação, inércia nas ações, egoísmo ou braços cruzados apenas “vendo a banda passar” já não consertam nada neste mundo que se torna dia a dia mais sofrido, violento, insatisfeito e desastroso.

Faltam sim muito mais afago, diálogo e abraços nas famílias, isto é, de pais para os filhos e de filhos para os pais! Faltam o “escutar” paciente, o olhar carinhoso e não só o de censura ou repressão. Falta sim aumentar a quantidade de amigos e mais reuniões frequentes e sinceras com eles, para saber da vida e dos problemas de cada um e, em conjunto tentar encontrar as alternativas e soluções de seus temores e apuros e também, para conversar e se envolver com histórias, fatos e passagens engraçadas que possam advir com os contatos. Falta sim, o interesse pelas tristezas geralmente advindas do desgaste de dificuldades contínuas tão destruidoras de quem desacreditou de tudo de tanto batalhar e bater na mesma tecla, sem conseguir um pouco pelo menos dos seus anseios ou objetivos. (E, é inteligente lembrar que, com o passar da Vida urge estar muito atento e ativo aos verdadeiros “amigos...”).

Hoje o que existe em grande proporção é uma falta de paciência e uma estupidez de comportamentos inacreditáveis! Todo mundo gesticulando e berrando como feras desorientadas, caras emburradas e descontentes... Um horror! Típico de pessoas mal amadas com ausência de encanto pela vida e carência de usufruir um afago, um aconchego... É preciso mudar esse clima de descontentamento, má educação e impaciência crônica, coisas já tão comentadas no convívio da sociedade em geral, daí, tomar mais consciência por mais carinho e consideração ao outro, e, quem sabe a convivência deixaria de ser um fardo tão pesado, assim.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARISA AMÁBILE FILLET
BUELONI

Cadeira n° 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade

Sinfônica

O maestro é um anjo
De costas
Gesticulando as duas asas.

Vibra o corpo retumbante
Seu cabelo em desalinho
Dá-lhe um ar estupefacto.

Domina a música e o ar à sua volta:
– o maestro conversa com o sonoro
e rege os ventos!
Da ponta dos seus dedos sai um quase psiu
E ele faz um aqui ó
Para o músico do fagote.

Gosto quando ele imita um bailado com as mãos
Concentra-se e fala com Deus.

A orquestra toca suave:
O maestro está rezando.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARLY THEREZINHA
GERMANO PERECIN

Cadeira n° 2 – Patrona: Jaçanã Althair Pereira Guerrini

Os Exercícios de Lembrar e Rememorar

Mnemósine, a deusa da Memória, pariu as nove Musas, filhas muito invocadas nas Letras e nas Artes, desde o universo helênico. Ainda há quem prefira Terpsicore para a dança, Euterpe para a poesia, enquanto Clio, a musa da História, é a minha preferida. Reparto a minha admiração entre mãe e filha, já não sei a quanto tempo.

Lembrar-me das coisas que ouvi dos antigos ou que testemunhei, faz-me sempre feliz. Basta contar (e reviver) uma delas.

A minha netinha Mariana, aprendendo a arte de mastigar e ingerir os alimentos, dificultava, sem o saber, os momentos da refeição “pilotada” pela dedicada mãe. Certo dia, empunhei a colher da comida e fiquei impotente diante daquela boquinha fechada e intransigente. No instante, ocorreu-me lembrar uma velha estória piracicabana, que passei a contar, acompanhada de desafinadas notas musicais, a meu modo.

–“Na rua do quebra-pau morava um homem mau, mau... mau... mau.”

Eis que ela arregalou os olhinhos e abriu a boca: aproveitei! Continuando..

–“Na rua do sabão morava um homem bom, bom... boão... bão”, – Era a fala divertida do piracicabanês, não adianta negarr.

A pequena sorridente proporcionou-me mais uma oportunidade, até que chegamos ao fim do prato, momento feliz em que interagiram as lembranças de uma avó com a inocência de uma vida por construir.

Lembranças vão e veem. Fazem-me feliz lembrar as minhas andanças na rua do Porto em companhia do meu pai, a leveza do seu barco chamado Jurema, quando levado a motor nas belas pescarias, o meu brincar com as crianças do beira rio no rés amornado, colher conchas de água doce ou atirar os seixos em ricochete na mansa corrente.

Sou feliz quando rememoro na área de Saber que escolhi. Gosto de trazer à luz o conhecimento quase perdido. Nesse ato de rememorar, resgato e faço presente o que se passou no interior de um tempo e de um espaço coletivos. Dou-me por satisfeita quando apresento os documentos por contraprova. É a exigência que me imponho, antes de dizer ou escrever, antes de proceder à afirmação ou à fixação literária. Rigor metodológico é o prólogo da construção narrativa. Posso tecer uma monografia ou um romance, ambos me fazem extremamente feliz.

Rememorando, já contei rios sobre gente simples e tiranos, heróis anônimos e mulheres fortes, guerras e injustiças. Cada vez que descobri velhos testemunhos e os “fiz falar”, vivi ao lado de personagens, sofri as suas dores e aprendi as lições das suas vidas reveladas, descortinei mistérios e decodifiquei mensagens. Tudo me fez feliz, na companhia de Clio, sob a graça e a misericórdia de Deus.

A outra parte da vida, vivi-a seriamente, malgrado as próprias limitações e as contingências. Juntei o patrimônio dos amores eternos. As lembranças e as memórias dispensadas nos textos que produzi, nas aulas e nas falas que ofereci, atirei-os, por aí. Por desafio e recompensa, divisei a bela metáfora que me acompanha na vida presente, que me permite deslizar sobre o amado rio Piracicaba, em dia de festa, na embandeirada barca do Divino, rumo ao grande momento.

.....
Piracicaba, 02 de novembro de 2014

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MÔNICA AGUIAR CORAZZA
STEFANI

Cadeira n° 9 – Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira

Noite escura

(2004)

Tem uma aranha no meu quarto
eu não a vejo, sinto sua teia
pela noite ela amarra
minha boca
meu corpo

mas eu me solto e quase sem fôlego eu corro

nas noites escuras os vampiros
sugam nosso sangue
é uma luta louca insana
e nesta esperança maluca
quase sem ar
eu voo

para me libertar
e reviver tudo de novo.

Quero todos os meus cacos colados no vaso (2004)

Quero todas as minhas migalhas no prato.

Quero remendar meus trapos.

E o que sobrou, colar no quadro.

Quero a solidão das noites frias batendo no lado de fora do
meu quarto.

E das noites quentes assobiando ao meu lado nos meus lábios.

Quero te ver de novo

Vestido de ano novo

Esquecendo o passado

E deixando de lado o outro lado do lago.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MYRIA MACHADO BOTELHO
Cadeira nº 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

O Natal de Lorena (Conto)

Lorena encaminhou-se para a sala, sem ruído, para não perturbar os que dormiam. Daquela vez, a insônia já não provinha de uma dor, ou das lágrimas reprimidas a cada momento... mas sim de uma felicidade que extravasava! Depois de uma batalha de sete anos, ela conquistava seu espaço.

Olhou à volta, detendo-se nos pequenos detalhes, e tudo lhe parecia novo, como a primeira vez. Todos os dias de sua vida seriam poucos para agradecer a Deus e, naquela noite, especialmente, pois quando o fizera, junto da família e do noivo, talvez a emoção tumultuada houvesse dispersado o que realmente sentia... Seu coração estava cheio de gratidão e de paz, de amor e de sonhos.

Na penumbra e no aconchego da sala, era gostoso conviver com os próprios sentimentos, usufruí-los lentamente, contemplar pela janela a noite clara e estrelada emoldurando o pinheiro verde, colorido de fitas e guirlandas, de luzes pequeninas... aspirar o perfume do jardim, das camélias e das murtas com sabor de infância, ouvir a música vinda de longe e trazida pelo vento... e depositar aos pés do pequenino Deus no presépio, a imensa ternura que trazia no coração!

Que diferença da outra Lorena... acontecera também no dia de Natal, quando tinha apenas 18 anos. A freada violenta, os gritos, a escuridão. A luta contra a morte no torpor, na semiconsciência de tanto tempo em que a vida balançou por um fio, até que abriu os olhos como ressuscitada. Algo, porém, mudara: estava paralítica!

Custou para aceitar as limitações até entender que, na vida, nada acontece por acaso; para tudo existe um porquê, cujas respostas vamos tendo com as experiências. A dor e o sofrimento lapidaram a pedra bruta, transformando-a. Foram momentos de trevas e desespero, até entender, com muita convicção, que a felicidade não está em duas pernas, mas no espírito de cada um. Através de muito esforço e tenacidade, entregou-se a recuperação de si mesma, tanto física quanto interior. Tudo deveria ser reformulado, em função da deficiência. E, sem ser uma super-mulher, chegara até ali, de cabeça feita, buscando forças que desconhecia, trabalhando, estudando, escrevendo, ajudando seus companheiros e procurando facilitar sua integração numa vida normal.

Sua deficiência tornou-se sua eficiência. Acima de tudo, o domínio da própria vontade, e a luta por não se considerar uma derrotada, digna da piedade alheia. Na dor de sua condição, aprendeu a minimizá-la, ao distinguir que, do seu lado, existiam problemas muito maiores do que os seus, inclusive os que atingiam crianças desprotegidas. Para tudo isso, alguém contribuíra de maneira decisiva, no início com longas conversas, em que a valorização, o apoio e o interesse apareciam velados. Pedro era o seu anjo da guarda. Ele não admitia, nem de leve, qualquer alusão a seu problema, como fato de comiseração ou coisa irremediável. Encarava-o normalmente, relegando-o e ressaltando o positivo, induzindo-a a utilizá-lo. Ele a sustentava nos momentos de prova, era sua força, quando esta lhe faltava. Seu livro, já na quarta edição, e traduzido para outras línguas, fora estímulo seu, e dava-lhe agora a imensa satisfação de saber, através de uma correspondência enorme por todas as vias, inclusive os contactos pessoais, o quanto contribuíra para ajudar pessoas em situação semelhante a sua. Todos lhe diziam: “Lorena, você só não anda”, e esta era a verdade. Esforçava-se por depender o menos possível, e o trabalho ocupava-lhe os dias. Fazia parte de associações e movimentos pelos direitos dos deficientes; da subcomissão de Cultura do município e, embora houvesse in-

terrompido o curso de direito, pretendia voltar tão logo lhe fosse possível.

Conheceram-se antes do acidente, e Pedro já cursava o último ano de direito. Nessa ocasião, embora se sentisse muito atraída por ele, os encontros eram casuais e o papo meio convencional. Depois ele a visitou no hospital, mas ela não tinha condições de enxergar nada além de si mesma. Ele, porém, continuou visitando-a e insistindo.

Lorena tentava reconstituir os primeiros diálogos e detinha-se nos detalhes pequeninos, nas circunstâncias menores, no medo e na inquietação que sentia quando começou a perceber que o sentimento que experimentava era um amor impossível que jamais poderia ser revelado. Não achava justo. Suas dificuldades não podiam envolvê-lo; Pedro lhe devotava uma grande amizade, ao lado de uma forte solidariedade. Era só isso, não podia confundir. Mas sonhar, isto podia... e guardar no coração, como se guardam as fragrâncias raras, a lembrança dos momentos que passavam juntos... de vez em quando aspirar uma gotinha, que a envolvia numa atmosfera de sonho e de brandura... uma lágrima escorreu-lhe dos olhos e, pela primeira vez, depois de tantas superações, sentiu aquela impotência, dos primeiros tempos, bem próxima do desânimo.

“Lorena, já faz tempo que estou aqui, observando-a. Nunca a vi tão linda e sonhadora. Mas depois sua expressão mudou e me pareceu chorando... o que houve?”

Ela desconversou, mas foi inútil. E partiu dele a iniciativa, confessando-lhe que a amava. Nessa noite, ela conseguiu ponderar e racionalizar, apontando a realidade que o esperava. Seu coração, contudo, batia descompassado, e seu mundo iluminava-se, adquirindo um significado novo. Não voltaram ao assunto.

Naquele natal, Pedro chegou mais cedo. Lorena percebeu novidade, mas nada disse. Brincando, convidou-o a adivinhar os presentes que ambos trocariam e a conversa deliciosa derivou para o sonho... Ele lhe disse que havia trazido

uma rosa, colhida bem cedinho, no orvalho da manhã. Ela retrucou que tinha uma estrela, a última que permanecera no céu... assim enumeraram mil coisas, como duas crianças; um pedacinho de nuvem, o voo do beija-flor, um pingo de chuva, um marulho, a música do vento... O som de seus risos ainda ecoava em seus ouvidos, á lembrança daqueles momentos inesquecíveis. Um casal à moda antiga, tão diverso daqueles tempos... depois as alianças.

Era preciso agradecer a Deus, enquanto vivesse. Pedro iluminara sua vida. Seu amor era o fecho de uma trajetória, cheia de pedras e de dores, porém recompensado por tantas riquezas e tantos frutos.

Jamais, como naquele Natal, sentiu tão forte o novo, o recomeçar, a presença de Jesus no mundo a fazer novas todas as coisas, e a colocar nos corações a semente imorredoura da esperança!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO OLÍVIO NAZARENO ALLEONI
Cadeira n° 25 – Patrono: Francisco Lagreca

O Médico

Conciliações Psicológicas e Profissionais

In memoriam
Dr. Adib Cury
Dr. Nelson Gimenes
Dr. Domingos José Aldrovandi

Justificativa

Quando sugeriram para desenvolver este tema, extremamente complexo, fiquei um tanto temeroso, meditando como coadunar o entendimento das condutas intrínsecas do profissional da área de saúde e as miríades das contínuas transformações existentes na área técnica, de valores morais intrínsecos, culturais, sociais, psicológicos em um documento que não fosse por demais extenso nem cansativo de ser lido, e assim transforma-lo em algo mais acessível ao leitor. Também seria de importância que estas considerações não ultrapassassem códigos de ética, bem como não ferissem a sensibilidade de quem quer que fosse.

O tema em si constitui-se verdadeiramente uma tese, o que poderia resultar inclusive numa monografia. Gostaríamos de discutir os dilemas existenciais que atravessa o médico nos seus diversos períodos existenciais (profissionais), como ele os enfrenta, e as consequências que ele se expõe em razão de sua consciência, atos e limitações, bem como das experiências adquiridas e do meio que está submetido. Mas sabemos da impossibilidade, frente à complexidade e extensão do assunto, sendo que iremos apenas pincelar estes aspectos dentro de

uma exposição mais simplista, associando a experiência adquirida nestes quase cinquenta anos de vivência com outros médicos e doentes.

Dentro da opção do desenvolvimento do tópico acima, elegemos os formados próximos à década de 1970. Estas gerações vieram a sofrer uma maior influência de tendências liberais, frutos de colocações de “rebeldia” contra os padrões sociais vigentes na época, com uma série de movimentos sociais (hippie, Guerra do Vietnan, etc).

Intróito

“Eu, Sinuhe, filho de Senmut e de sua mulher Kipa, escrevo isto. Não o escrevo para a glória dos deuses da terra de Kan porque estou cansado de deuses, nem para a glória dos faraós, porque estou cansado de seus feitos. Também pouco escrevo por medo ou por qualquer esperança, no futuro, escrevo para mim apenas. O que eu vi, conheci e perdi durante toda minha vida, foi coisa demasiada para que me domine um vão temor, e quanto a algum desejo de imortalidade, estou tão exausto disto quanto dos deuses e dos reis. É apenas por minha causa que escrevo, por tal motivo e essência diferindo eu de todos os escritores passados e vindouros.”

.....

“Sim, pois eu Sinuhe sou um ser humano. Vivi em todos aqueles que viveram antes de mim, e viverei nos que vierem depois de mim. Viverei nas lágrimas e nos risos humanos, no medo e na mágoa humana, na bondade e na torpeza humana, na justiça e no erro, na fraqueza e na força. Não desejo oferendas na minha sepultura e nem na imortalidade para o meu nome. Isto foi escrito por Sinuhe, o egípcio que viveu sozinho todos os dias da vida”.

Quando optei por iniciar esta exposição com as palavras de Mika Waltari, do primeiro e último parágrafo do “O Egípcio”, muitos poderão pensar no desatino entre o título deste escrito e as linhas acima.

O mesmo seria dito se me referisse a Sidarta, de Hesse.

Após toda sua vereda, termina seus dias sentado à beira do caudal, vendo as águas fluírem... ou imaginar Kim (de Rudyard Kipling) e seu carma na Índia colonial britânica, ou ainda o de Dr. Jivago (de Boris Pasternack) na Rússia no começo do século XX.

Mas existe um motivo. Para aqueles que conhecem as obras citadas, poderão se requintar com as finesses do juízo, para os que desconhecem os detalhes, poderão engendrar o que é ser possuidor do que se possa imaginar, bens materiais, poder, realização de qualquer cobiça tangível, e ser constrangido terminar seus dias no exílio (físico e/ou psicológico), aferrolhado até a morte, fora do âmago de suas metas e/ou do berço natal, tanto involuntariamente ou como opção existencial induzida, lutando pelos seus valores e realidades íntimas ou procrastinando-as totalmente frente ao desenrolar-se das situações. Não devemos ignorar que estas realidades não são estáticas, mas vão sendo moldadas no âmago de cada um conforme as experiências, vivências e situações do dia a dia. Também poderíamos dar asas à imaginação e esvoaçar com os pensamentos em como estes elementos humanos constituem-se em joguetes dentro do destino a que estão algemados.

Se estes fatos transferirmos para a crua rotina existencial dos tempos modernos, poderíamos ir a relembrar entre muitos outros, dos exemplos de Pasteur, Sommelweis, Thomas Edward Lawrence (Os Setes Pilares da Sabedoria), de Mahatma Gandhi, Mandella...

Vemos que os fatos estão dentro de um paralelo, e observamos uma similaridade entre as obras mencionadas e o cotidiano. Chega um momento que somos colocados em dúvida se realmente todos estes romances são somente fruto da imaginação fértil de seus autores, ou se obnubiladamente fazem referência à fatos reais, que foram devidamente romanceados.

Independentemente de querer colocar em discussão os tópicos pré-determinismo ou o livre arbítrio existencial do homem, temos a sensação que cada elemento em sua existência segue por uma vereda muito justa, e dentro das raias do

quase inevitável parece que inflexivelmente não consegue escapar à roda da vida.

Com isto queremos deixar transparecer de um lado a inexorabilidade das ocorrências associada a uma total efemeridade das coisas, atos, ações, poder, ou qualquer outro fato. É uma verdadeira dualidade. Aparentemente tudo seria circunstancial, assim como a própria existência? Realmente nada melhor do que o tempo para dar a devido entendimento aos fatos, e ao seu findar, acaba por eclipsa-los definitivamente e para sempre sob sua manta, fazendo o caso a tudo que eventualmente tenha acontecido na roda da vida. A real verdade de toda e qualquer ventura, seja ela fruto de um pré-determinismo ou livre arbítrio, é que ela sempre finda, e em seus últimos sôfregos, acaba por encerrar sua existência na nulidade e no abismo do esquecimento. Rememora-se uma velha frase: "O tudo é nada, e o nada absorve a si mesmo..."

Neste mundo de anequins, cada um representa seu papel, e tal como no teatro, chega o momento que as luzes se apagam e a cortina cai. Tudo é essencialmente uma questão de tempo. Mas enquanto ocorre a função, cada "bobo da corte" trata de o melhor possível de representar seu papel. Isto me traz à mente uma frase que diz "que a impetuosidade é uma característica da juventude, e que à maturidade associa-se a prudência e perseverança."

O ímpeto que domina a mente jovem, com seu intuitivo complexo de super-homem (que em alguns raros pode até simular onisciência e onipotência) ganha formas quase dantescas quando observado pelo prisma da cautela e persistência. Chega inclusive a rememorar em uma visão mais simplista o "homem-além: Übermensch" de Friedrich Nietzsche, onde suas "virtudes" se assim pudéssemos dizer, são o orgulho, a alegria, a saúde, o amor sexual, a desconfiança e inimizade, a veneração ímpar, a vontade inabalável, a vontade de poder, a capacidade de domínio quase permanente e a inatingibilidade.

Se quase todos, em maior ou menor grau, vivenciam esta perene fase existencial durante os primórdios de sua existência

adulta, poucos a saborearão em quase sua plenitude, e raros a manterão por tempo maior, bem como raríssimos permanecerão com elas como uma contínua verdade insofismável. A liberdade sem limites é algo assustador e extremamente temerário, com consequências imprevisíveis. Apesar de carreada de temeridades, por beirar o limite entre a sanidade e a loucura com consequências inopinadas, o prolongamento não insanos destas características serão privilégios de poucos prodigiosos, e é para esses poucos que se mantém equilibrados neste fio da navalha, é que a vida é feita para o sucesso inavaliável e incontestável.

Estas características são a forja dos raros e ululantes líderes sob os mais diversos prismas sociais. A permanência de algumas destas capacidades retro estereotipadas farão delas pessoas altamente diferenciadas em relação ao meio, geralmente aptas à alta ascendência sobre a população.

Estas pessoas tornam-se verdadeiros deuses, mitos vivos que beiram a imortalidade. Assim ocorreu com uma série de pessoas com tendências humanísticas, com senhores da paz e da guerra, com músicos, pintores, filósofos e outras áreas sociais (independente de suas falácias ou verdades).

O médico, com sua condição de responder continuamente pelo bem estar e vida de outro similar, está a um passo deste nível. Endeusado enquanto permanece como respondendo pela saúde de seu próximo, é deificado pelos seus sucessos, e permanece sendo tratado com verdadeira reverência e excessiva admiração durante o exercício profissional, e algumas vezes extrapola esta fase, sendo lembrado pelas suas características humanitárias. É sua função tratar o doente, amenizar seu sofrimento e por último consolar ao paciente e a família. Mas também pode ser considerado como a imagem do próprio demônio quando quebra seus objetivos e regras, e coloca outros valores como prioritários às metas da saúde.

O Princípio dos Sonhos

Quando começam os sonhos, e as ambições existenciais? Sem dúvidas, muito é uma interação entre as eventuais tendên-

cias inatas da criança, somadas à ingerência do meio ambiente, com maior frequência, da família, em especial os pais.

Uma máxima cita que “há três modos de se atingir o principado, por via vaginal (quando a pessoa é descendente da realeza), por via peniana (quando ocorre o casamento entre um plebeu e uma pessoa da realeza)”. São todos métodos com humores burgueses de se crescer na vida. Há outro método, mais voltado aos proletários. “É o modo escrotal (quando a adulações ou recompensas induzem as benemerências).” Exceto o primeiro, eles são de resultados às vezes duvidosos, mas esporadicamente coroados de sucesso.

São eles que iniciam o acalantar das ambições, em maior ou menor grau. Realmente, os filhos são sonhos vívidos das ambições e metas (nem sempre realizadas) dos pais, almejando uma ascensão econômica e social que não conseguiram atingir. Com menor incidência, é uma continuidade da atividade familiar, que se comporta como herança cultural. Ainda que raramente, pode ser uma manifestação inercial da ambição da própria pessoa, que tem nesta atividade a realização de seus objetivos, ou como um passo em atingir suas ambições.

O futuro médico já em seus primórdios da infância começa a manifestar uma curiosidade para os processos biológicos. Este “desejo de saber” vai se exacerbando com o crescimento, e por fim, geralmente durante a fase de adolescência já é bastante marcante, e quase já define a provável atividade profissional da pessoa.

Definida a meta e convicto de seu futuro, vai nosso jovem a procura de um lugar para transformar seus sonhos em realidades.

A Casa da Morte

Conseguindo um lugar ao sol, depois de dificuldades infundas, trocando muito de sua adolescência por um rígido sistema de estudo, consegue finalmente ser acolhido dentro de um estabelecimento de ensino superior voltado ao ensino médico.

A sensação de saber que foi admitido é inebriante e única. Já o coloca dentro de uma elite, por ter conseguido a colocação entre muitos.

Mas esta sensação não irá durar muito, talvez por algumas semanas. Terá que aprender uma outra lição muito mais importante na vida, a humildade, a fazer reverência e respeito à própria vida e morte. E da pior forma possível, porque logo ao início de suas atividades, é levado ao laboratório de anatomia, onde cadáveres inteiros ou suas peças serão utilizados para que possa estudar e dominar o corpo humano em suas minúcias.

A sensação de quem teve nenhum ou pouco contato com a morte, colocada vis a vis com o corpo amarelo bronzeado, ressecado, que jaz deitado sobre a fria pedra de mármore, o odor de formol, provocando ardência nos olhos, coriza, sufocando, e queimando as pontas dos dedos, a face da morte, às vezes serena, às vezes transfigurada pela dor, o corpo geralmente magro, caquético, quiçá corroído pelo sofrimento dos anos de penúria e doença, o provável descaso familiar e abandono que aquela pessoa que teve seus sonhos e desejos, e a que foi submetida para acabar no tanque de formol e mesa de anatomia, nos faz mais do que nunca instintivamente conscientes da transitoriedade da vida, da desconfiança com nossos entes mais próximos, do alheamento existente entre a vida e a morte, da total incerteza do que o futuro reserva a todos nós, e como, de algo que nem era sequer cogitado pela imaginação, como agora a morte, antes quase totalmente ignorada, cresce e tome forma perante nossos olhos, fazendo com que aquela sensação do “super-homem” se torne tão quebradiça e volátil, tão sem significado. Mas como a fênix que renasce das cinzas, esta sensação de “super-homem” ainda retornará no futuro de uma forma mais acentuada, mais inquebrantável, para não dizer, até megalomaníaca.

Tomamos então a consciência de que realmente somos mortais como todos os outros, senão ainda mais, por estarmos a partir deste momento, a viver continuamente com a morte aferrolhada a nós, como a eterna esposa que jamais nos

abandonará e sairá de nosso lado. Somos então, ainda na flor de nossa juventude, vilmente violentados em nossas fantasias, vemos algumas nossas ilusões desmoronarem, sendo conscientizados e imersos na fria e crua realidade existencial. É o começo de nosso massacre psicológico existencial. É o último alento de nossos sonhos quase pueris que se esvaem, gota a gota. Então começamos a nos tornar adultos...

A Casa da Vida

Após dois anos de sofrimentos que começam a moldar indelevelmente nossa personalidade, a ausência de tempo próprio, de dias e noites imersos em novos conhecimentos que se avolumam com o passar dos dias, é chegado o momento da recompensa: começamos a ter acesso à casa da vida. É quando, nos afastando dos insanos laboratórios, iniciamos o contato médico com humanos.

Inicialmente, somos levados à colher informações de modo adequado (anamnese). Já se vão passados mais de quarenta anos, e esta é uma frase que ouvi de um paciente, que até hoje guardo com todo o carinho: "... dor é sinal de vida...". Marcante porque partiu de um idoso em estado terminal, em pleno fim de semana. Mais doloroso ainda, pois quando voltei na semana seguinte a procura-lo e falar com ele, soube que havia falecido. E de todas as conversas tidas, estas suas palavras ainda permanecem ribombando em minha mente...

Esta vivência obriga-nos a ter consciência de um fato extremamente importante: o tempo é inexorável. Não há momento que possa ser recuperado. As coisas que tem que ser feitas, devem ser feitas de imediato. Não existe o "...daqui a pouco eu faço...". O momento é agora, ou nunca mais...

O exame físico do paciente é fundamental. Ainda, na década de 70, estávamos no tempo que o que tínhamos de instrumentos eram o estetoscópio para ouvir, nossas mãos para tocar e sentir, os olhos para observar, os exames de laboratório e o R.X. para confirmarem nossas ideias. Os modernos meios diagnósticos hoje presentes eram inexistentes.

A história e o exame físico eram nossas armas. Conhecíamos o corpo humano normal. Agora era o momento de estudarmos as doenças, e vivermos junto aos doentes e assimilar em nossas mentes as manifestações das doenças.

Aos poucos, nossas primeiras e singelas observações de pacientes dia a dia se tornavam mais complexas. Novas perspectivas iam se abrindo momento a momento. Nossa convivência com os pacientes era fundamental para sedimentar o conhecimento teórico que havíamos recebido, e desenvolver o raciocínio clínico, que dia a dia se aprimorava.

Paralelamente com estes fatores, a habilidade e a técnica também eram desenvolvidas nos campos cirúrgicos, o que, de uma forma ou outra, nos impelia a opção de atividade profissional. Nuca esqueço-me da orientação de um grande cirurgião que muito me ensinou, Dr. Avediz Nahas: "... você precisa aprender a ver com a ponta dos dedos..."

Nesta fase de preparação se passaram mais três longos anos. É a fase de desenvolvimento da autoconfiança. Paulatinamente, de simples "colhedores de histórias", nos eram transferidas as responsabilidades do exame físico, da prescrição e terapêutica. Éramos cada vez menos tutelados, mas ainda sob uma observação austera para rigorosa terapêutica correta e sucesso dos resultados almejados.

Depois de longos seis anos de atividades, fazíamos nosso juramento hipocrático e recebíamos nosso certificado de conclusão de curso. Agora éramos médicos. Mas, se assim éramos reconhecidos como tais, ainda nos faltava a habilidade e destreza total de assumir todas as responsabilidades inerentes à carreira abraçada. Havia a necessidade de mais uma fase ainda...

A lapidação do poder

Viria agora uma das mais importantes fases do desenvolvimento profissional, a de amadurecimento dentro de uma ou duas das disciplinas almejadas do recém-formado, a fase de estágio e residência. Tem ela a definição da especialização a seguir. Agora é chegada a hora de ser realmente capaz do que

almeja, aprimorando seus conhecimentos.

Cada vez mais vai assumindo definitivamente a responsabilidade sobre o paciente. Agora é ele quem examina, pede exames, prescreve. Claro que ainda tem seus atos e ações discutidos, e só é corrigido caso cometa erros crassos. Os doentes sob sua responsabilidade tem todos seus procedimentos discutidos com seus colegas (e sob supervisão), que tem de fazer uma análise crítica como o paciente está sendo tratado e evoluindo. Já executa pequenas cirurgias ambulatoriais, primeiro sob supervisão e depois sozinho. Cirurgias maiores são cuidadosamente seguidas. Qualquer conduta eventualmente temerária é prontamente corrigida.

Nesta fase irá passar pelo menos dois anos, quando deverá estar plenamente apto a desligar-se do hospital escola, e atuar sozinho.

Este progressivo assumir de responsabilidades, onde cada dia que se passa, recai sobre ele o responder por seus atos, com todos os sucessos e reveses, irá formando a auto confiança e a responsabilidade do profissional em suas condutas.

Ter sob seu encargo outros recém formados, orientá-los como foi orientado, irá formando-o em profissional apto a assumir suas atividades cotidianas perante o doente, sua família e a sociedade.

O exercício do poder

Finalmente o jovem profissional é desligado do hospital onde atuou por dois anos ou mais. Tem o seu cordão umbilical seccionado. Deverá escolher um local onde irá atuar. É a fase onde sai à procura de trabalho, geralmente iniciando suas atividades como plantonista em outro hospital. Paralelamente a isto, entra em contato com outras entidades, procurando ser admitido no corpo clínico de outra entidade assistencial.

A sua formação anterior, apesar de lhe haver fornecido subsídios para enfrentar a grande maioria das patologias, ainda irá lhe gerar dúvidas em algumas condutas. Mas, se antes havia o preceptor que lhe estendia a mão, agora, vê-se ele den-

tro de mais um processo, onde é observado em suas condutas médicas pelos outros profissionais. Antes de delegar a um profissional novas responsabilidades eventuais sobre algum paciente, temos de ter a consciência que podemos fazer isto com certeza absoluta, e nada duvidoso será executado por ele. Geralmente a admissão a um nosocômio era feita por um profissional já habilitado desta unidade, e que atuaria como um “padrinho”, observando-o e o orientando dentro das rotinas, para evitar quaisquer tipo de atritos, com quem quer que fosse.

Era uma fase difícil, pois todo o tato era pouco. Há a necessidade de boa dose de humildade, para não ferir as sensibilidades de outros profissionais, e ao mesmo tempo demonstrar certeza e firmeza de suas condutas. A dedicação e o desdobraimento em relação ao paciente também é outro ponto marcante. Somente assim conseguirá ser integrado à comunidade e reconhecido como um deles.

Aceito ao meio que atua, pequenos atritos ainda poderão se desenvolver. A experiência mostra muitas vezes que a evolução de uma doença é inexorável, podendo ser protelada mesmo em seus estádios terminais, mas nunca evitado.

Este problema não é muito bem assimilado durante sua formação. Agora é a fase em que qualquer fracasso é crucial. Começa ele a atuar com todas suas forças, seu otimismo e energia na batalha contra o destino final de qualquer ser vivo. E esta luta pode tornar-se uma verdadeira obstinação. É o retorno da fase do “super-homem”.

A vivência constante desta essência filosófica poderá torná-lo um profissional em que só concorde com condutas extremas em casos quase que finais. Mesmo enfrentando riscos, algo faz com que ele venha a optar por condutas radicais quando o risco de morte seja muito grande.

Estas condutas discutíveis e/ou tendenciosas poderão leva-lo a procedimentos dúbios onde a persistência e obstinação em determinado objetivo pode chegar a causar uma verdadeira “cegueira” à lógica, e faz-lo optar por condutas que possam ser consideradas temerárias à integridade do doente.

Se dentro destes procedimentos são obtidos sucessos, isto poderá induzir ao desenvolvimento de um certo “absolutismo” de condutas, onde a luta contra a doença se torna superior ao conforto e até mesmo à maior segurança do paciente.

Neste momento temos o médico “absolutista”, onde apenas seus atos profissionais são “reais, verdadeiros, irrefutáveis e incontestáveis”, e a opinião de colegas, psicologicamente relegadas a um segundo plano.

Paralelamente a isto, temos que o continuo assumir pelas plenas responsabilidades profissionais associados com os sucessivos sucessos, acabam por retro alimentar o processo, gerando estado de total, plena e indiscutível segurança e suficiência nas condutas, gerando um processo quase similar de megalomania.

Este estado pode ser passageiro ou perdurar por anos e anos. Intimamente nunca aceitaremos a derrota e perderemos a esperança que acabaremos por vencer o mal, que se hoje ainda não temos um meio digno de enfrentar algum problema, o amanhã irá sorrir para nós, oferecendo outras opções. E, dentro deste raciocínio de conto de fadas, nossas expectativas continuarão a fluir...

A Maturidade e o Ocaso

Mas, em determinado momento, o sonho termina abruptamente. É como um balde de água fria lançado violentamente sobre nós. Nossas esperanças simplesmente se desmoronam, nossos sonhos esvaem-se totalmente.

Chega o momento que estamos cansados de sermos vencidos pela doença, de viver com o sofrimento alheio. Estamos enfadados da dor de outrem, do pensamento mágico que somos invencíveis, de manter uma “farsa” de estarmos sempre dando uma esperança que intuitivamente sabemos transitória, de acalentarmos uma ilusão no paciente e seus familiares. Sem dúvida, sabemos que a evolução de uma doença é inexorável, e mais ou menos tempo, os fatos escaparão de nosso controle, e finalmente começamos a reconhecer que

muitas vezes não passamos de meros intermediários, de meros “sapateiros remendões” entre nosso ambicionado fim e a evolução inexorável da doença.

Há um momento em nossa existência em que indagamos a nós mesmos de até onde nossos atos são válidos, o nosso contínuo lutar e nosso eterno ser derrotado pelo implacável desenrolar e fim inevitável da moléstia.

Há um momento em que somos obrigados a avaliar se, dentro das condutas intermediárias que tomamos durante um tratamento, se todas estas passagens foram válidas, se os custos envolvidos e o sofrimento que fizemos os pacientes e seus familiares passarem foram realmente válidos para postergar um fim inevitável.

Há um momento onde deveremos então considerar que onde é mais importante destinarmos verbas, se para um paciente gravíssimo, quase sempre fadado ir ao óbito, ou de outro lado, utilizar estas verbas para alimentação e saneamento básico voltado à infância, o que provavelmente evitaria no futuro uma série de doenças, doentes e óbitos? Não que os primeiros não mereçam o tratamento... Ainda bem que não cabe a nós, profissionais de saúde atuantes, termos de fazer esta opção. Nosso compromisso é com o paciente que assumimos a responsabilidade.

Quando falamos em tratar um paciente, omitimos às vezes que o tratamento proposto é paliativo, e que dificilmente evitaremos o inexorável. Somos então aplaudidos por um sucesso transitório, e dentro de uma escala de valores, não estamos oferecendo ao doente nada mais do que ilusão, e ilusoriamente vangloriamos nosso dúbio sucesso.

Ainda me fere o sentimento de impotência, revolta e outros, de dois casos mais marcantes em minha vida. O primeiro refere-se a um jovem paciente com trombose arterial de todo o intestino delgado que foi submetido à enterectomia (resseção total de intestino delgado). Depois de uma luta que se prolongou durante mais de um ano, conseguimos dar alta hospitalar a este doente, mas com a condição que deveria to-

mar um copo de suplemento dietético cada duas horas (era sua condição básica de sobrevivência). Conseguimos inclusive fazer com que este suplemento fosse fornecido gratuitamente à ele.

Passados alguns meses, retornou ele ao hospital totalmente desidratado, caquético, justificando que “não mais desejava viver, pois se constituía em um peso exagerado (tanto monetário como social) para sua família. Que a sua morte propiciaria alguns benefícios, como sua esposa poderia ter mais liberdade em conseguir um emprego e sustentar muito mais adequadamente a ela e seu filho, visto que ele não conseguia exercer nenhuma atividade e a aposentadoria que recebia era insuficiente, que ela poderia ter uma vida mais normal, inclusive casando-se novamente. Que não haveria mais necessidade de ele ficar mendigando alimentação, que não mais suportava tomar estes suplementos, etc”. E realmente, por vontade própria, evoluiu para o óbito.

Outro caso foi um jovem que teve trombose arterial na perna, mas conseguimos manter a extremidade. O grande problema que é que como consequência tinha incapacidade para andar além de umas dezenas de metros. Todo o sucesso deste caso foi frustrado quando veio até nós e solicitou amputação da extremidade. A justificativa é que do modo que estava era impossível trabalhar, e portanto sobreviver adequadamente. Alegava que com a amputação, poderia utilizar uma prótese mecânica e levar vida normal. Negamo-nos a executar o procedimento, mas segundo comentários, um outro profissional concretizou seu desejo.

Estes dois casos nos levam a questionar se a conduta profissional tomada foi realmente a mais adequada. Pelo menos o era quando foi executada, mas todo o trabalho desenvolvido foi crucialmente destruído pelo desejo e outras metas dos pacientes.

Temos estes dois casos como o exemplo vívido do desejo do paciente sobrepujando a indicação e o sucesso da atividade médica.

Agiram conforme seu desejo maior, e não cabe a mim recrimina-los por suas opções, somente a frustração de vermos nossos sucessos tão vilmente tolhidos.

Com isto mais uma vez vemos nossa colocação inicial endossada, pois apesar de todos os esforços feitos para se evitar uma situação final, quando a conseguimos, o destino friamente riu de nós, e acabou por completar sua meta inquestionável...

Conclusão

Hoje estamos usufruindo do devido respeito e repouso que merecemos depois de quase cinquenta anos vivendo com doenças, doentes e a noiva da morte. Atingimos muitas satisfações, e tivemos algumas decepções. Julgamos as metas propostas dentro da juventude como plenamente realizadas. A vivência em companhia da vida e morte nos faz crescermos. Ajuda-nos a entender o começo, meio e fim das coisas. Ajuda a aceitar o sucesso e a derrota, a alegria e a tristeza. Nos ensina a “andar” com o paciente terminal, tratá-lo, consolá-lo e prepará-lo para a morte. Obriga-nos a ter respeito e desprendimento pelos outros. Obriga-nos a sérios dilemas de consciência. Gera e cria novos valores morais e impulsiona a sociedade como um todo, inclusive a eventualmente alterar suas normas e leis. Inclusive, nos obriga algumas vezes a considerar em nosso âmago a malévola e inaceitável sensação de Dr. Jekyll e Dr. Hyde.

Apesar do grande esforço despendido no sentido de não interferimos na vida particular de nossos pacientes, isto acaba ocorrendo, seja pela intimidade da vivência, seja pela habitual solicitação de conselhos. Além da especialidade exercida, somos muitas vezes solicitados a opinar sobre situações e como equacionar as soluções.

Tenho plena realização de minha vida dentro dos parâmetros do Juramento de Hipócrates, que sempre respeitei. Respaldei-me nas minhas decisões, sempre nos valores da honra e do respeito a mim mesmo e ao meu próximo. Nunca exerci o mercantilismo, e sempre o combati com veemência.

Fiz sempre o que poderia fazer de melhor ao paciente. O que fiz, fiz pela verdade e pelo melhor de cada um e pelo todo. Algumas vezes não fui bem entendido em minhas metas e objetivos. Tive meus grandes sonhos e grandes decepções.

Aprendi que quanto mais pessoas temos ao lado, maior nossa possibilidade de sermos vilmente traídos. Conheci muitas pessoas vestidas com pele de cordeiro. Aprendi que os galanteios feitos, geralmente nada mais são senão que “cantos das sereias”, e dos Judas que se aproximam de nós. E muitas vezes se vendem por muito menos de 30 moedas...

Mas apesar disto, tive ótimos e verdadeiros amigos que permanecem guardados com todo o carinho em meu coração e minha mente. Amigos são para sempre...

Muitas vezes aprendi que a solidão é melhor que o risco de sermos traídos. O retraimento é menos cooperativista e tem sabor muito menos amargo. Permite-nos manter sempre com a cabeça erguida. Nos mantem a altivez e a honra...

Agora que percorri meu caminho, tenho o direito de sentar-me à beira do rio, na sombra de frondosa árvore, e ver a águas passarem ouvindo suas canções...

Apêndice

Juramento de Hipócrates

“Eu juro, por Apolo médico, por Esculápio, Hígia e Panacea, e tomo por testemunhas todos os deuses e todas as deusas, cumprir, segundo meu poder e minha razão, a promessa que se segue:

Estimar, tanto quanto a meus pais, aquele que me ensinou esta arte; fazer vida comum e, se necessário for, com ele partilhar meus bens; ter seus filhos por meus próprios irmãos; ensinar-lhes esta arte, se eles tiverem necessidade de aprendê-la, sem remuneração e nem compromisso escrito; fazer participar dos preceitos, das lições e de todo o resto do ensino, meus filhos, os de meu mestre e os discípulos inscritos segundo os regulamentos da profissão, porém, só a estes.

Aplicarei os regimes para o bem do doente segundo o

meu poder e entendimento, nunca para causar dano ou mal a alguém.

A ninguém darei por comprazer, nem remédio mortal nem um conselho que induza a perda. Do mesmo modo não darei a nenhuma mulher uma substância abortiva.

Conservarei imaculada minha vida e minha arte.

Não praticarei a talha, mesmo sobre um calculoso confirmado; deixarei essa operação aos práticos que disso cuidam.

Em toda casa, aí entrarei para o bem dos doentes, mantendo-me longe de todo o dano voluntário e de toda a sedução, sobretudo dos prazeres do amor, com as mulheres ou com os homens livres ou escravizados.

Àquilo que no exercício ou fora do exercício da profissão e no convívio da sociedade, que eu tiver visto ou ouvido, que não seja preciso divulgar, eu conservarei inteiramente secreto.

Se eu cumprir este juramento com fidelidade, que me seja dado gozar felizmente da vida e da minha profissão, honrado para sempre entre os homens; se eu dele me afastar ou infringir, o contrário aconteça.”

Código de Hamurabi (Babilônia antiga: 1750 A.C.)

215º - Se um médico trata alguém de uma grave ferida com a lanceta de bronze e o cura ou se ele abre a alguém uma incisão com a lanceta de bronze e o olho é salvo, deverá receber dez siclos.

216º - Se é um liberto, ele receberá cinco siclos.

217º - Se é o escravo de alguém, o seu proprietário deverá dar ao médico dois siclos. (A diferença social também era compensada com uma lei que tornava os serviços prestados aos pobres mais baratos.)

218º - Se um médico trata alguém de uma grave ferida com a lanceta de bronze e o mata ou lhe abre uma incisão com a lanceta de bronze e o olho fica perdido, se lhe deverão cortar as mãos. (Erro médico que levasse a deficiência de uma pes-

soa, o médico poderia ser punido com a amputação das mãos, impossibilitando-o de exercer o ofício.)

219º - Se o médico trata o escravo de um liberto de uma ferida grave com a lanceta de bronze e o mata, deverá dar escravo por escravo.

220º - Se ele abriu a sua incisão com a lanceta de bronze o olho fica perdido, deverá pagar metade de seu preço.

221º - Se um médico restabelece o osso quebrado de alguém ou as partes moles doentes, o doente deverá dar ao médico cinco siclos.

222º - Se é um liberto, deverá dar três siclos.

223º - Se é um escravo, o dono deverá dar ao médico dois siclos.

224º - Se o médico dos bois e dos burros trata um boi ou um burro de uma grave ferida e o animal se restabelece, o proprietário deverá dar ao médico, em pagamento, um sexto de siclo.

225º - Se ele trata um boi ou burro de uma grave ferida e o mata, deverá dar um quarto de seu preço ao proprietário.

226º - Se o tosquiador, sem ciência do senhor de um escravo, lhe imprime a marca de escravo inalienável, dever-se-á cortar as mãos desse tosquiador.

Unidade de peso no antigo Oriente. Antiga moeda dos hebreus, de prata, cujo peso equivalia a seis gramas

O shekel,¹ também grafado sheqel ou shequel (em hebraico: שקל; plural: shekels, sheqels, sheqalim, em hebraico: שקלים), ou siclo¹ em português, refere-se a uma das mais antigas unidades de peso, utilizada posteriormente como nome da moeda corrente do povo israelita. A primeira utilização é da Mesopotâmia, cerca de 3000 a.C. Inicialmente, ela pode ter se referido a um peso de cevada (a primeira sílaba “she” era o acadiano para cevada). Este shekel possuía cerca de 180 grãos (11,4gramas).

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ROSALY APARECIDA CURIACOS
DE ALMEIDA LEME

Cadeira n° 7 – Patrono: Helly de Campos Melges

Piracicaba

Não és mais apenas aquela
Noiva entrando pela capela,
Aos olhares curiosos...
Escancaraste as entranhas,
E recebeste sem manhas,
Todos como filho teus,
Gente de todos os léus.
Piracicaba querida,
Junto à alegria, há tristeza
Fruto desta proeza.
Pagas o preço da lida,
De quem se agigantou.
Mas, nós, piracicabanos,
Natos ou não,
Que muito te amamos,
Formamos uma corrente,
Cada elo é um coração.
Com potencial de semente,
Para proteger-te sempre,
Contra toda ingratidão.

Rotulando

Eu vi...
Eu vi a morte, mas não a senti.
Eu vi a fome, mas não a vivi.
Eu vi a favela, mas não morei nela.
O cárcere eu vi, mas não me prendi.
Eu vi o assalto, o pequeno e o alto.
Eu vi a violência,
Percebi sua consequência.
Eu vi a injustiça, seu mal e preguiça,
Vi a mentira, tristeza e ira.
Tudo passou por mim
Mas uma coisa enfim
Eu vi, eu senti.
Foi o rótulo frio
Displicente e doentio
Rotulando, rotulando
Em cadência maquinal
Rotulando, rotulando
Sempre igual, sempre igual
Cego impessoal
Monstruoso, imperial
Rotulando a gente
Como a detergente
Rotulando crianças e grupos
Rotulando adultos e a mim...
Então..(pelo rotular)
Desonesto, sombrio, impessoal e frio
Mecânico e vazio
Eu senti a fome e o arrepio na alma
Senti a pobreza, a prisão, o assalto
A violência, a injustiça, a tristeza,
Eu senti, senti, tudo vivi
Envelheci e por dentro morri...

Percursos para aprendizagem

Todos os aprendizes não precisam percorrer os mesmos caminhos para chegarem ao mesmo destino.

Todos podem andar em ritmos diferentes.

Há quem aprenda só com fisiologismo, mas também há quem aprenda com bombardeios múltiplos.

Todas as pessoas tem algo semelhante às demais, mas também todas as pessoas tem peculiaridades muito diferentes das demais.

Aprendizado (como conversão) é algo individual, mas que acontece no coletivo.

A sequência lógica, linear não é a única sequência didática.

Quem orienta a aprendizagem deve ser muito sensível às peculiaridades individuais dentro de um trabalho em equipe numa ação coletiva.

Muitos aprendizes param no meio do caminho por falta de incentivo.

Se o incentivo não se transformar em entusiasmo ele não acontece.

Quem não se sente motivado a estudar, sempre, jamais conseguirá incentivar aprendizes a estudarem.

Mestres que leem e refletem sobre as leituras serão cada vez melhores pessoas e conseqüentemente melhores mestres.

O conteúdo é um meio e não um fim em si mesmo.

O conteúdo é uma infraestrutura necessária, mas só ele não otimiza a vida.

O conteúdo é como se fosse a estrutura da casa. As condições de água e esgoto, de iluminação, de alicerce, de paredes e teto, de acabamento e beleza, mas para se ter algo mais, para se otimizar a vida é preciso que esta casa seja lar, o conteúdo não se basta em si mesmo, necessita de algo mais, porém, devemos nos lembrar de que ele é necessário.

Hoje, se fala muito em percursos diferenciados, nós

acreditamos que podemos atingir os mesmos objetivos, percorrendo caminhos diferentes, com metas diferentes (lembrando-nos de que meta é objetivo quantificado), pois os ritmos das pessoas são diferentes, tanto o ritmo de aprendizagem como a aplicação das habilidades.

Sem se falar que cada pessoa tem sua história de vida.

A intensidade e a duração da aprendizagem pouco tem haver com o ritmo.

Nem sempre a sequência lógica (quase sempre muito valorizada por alguns mestres) é o caminho melhor para a aprendizagem.

O educador deve ter no centro do processo educacional o educando e não o conteúdo.

É comum percebemos que às vezes um aprendiz tem condições de selecionar, de inserir, de classificar, de reclassificar e de generalizar em uma disciplina e não é capaz de fazê-lo em outra, isso nos mostra claramente que ele tem o potencial, mas que o ensino da disciplina não está adequado (exemplo: o aluno que sabe fazer a análise morfológica e sintática em português sabe classificar folhas em ciências, caso ele não saiba, trabalhar com os campos numéricos em matemática é falta de conhecimento da disciplina e não deficiência de seu potencial intelectual).

Pessoas que não aceitam as idéias alheias e acham que as coisas na vida, só se classificam em certo e errado, tem muitas dificuldades de serem aceitos pelos educandos.

Pessoas que só criticam e que não aceitam os próprios defeitos e, muito menos, os defeitos dos outros também tem dificuldades de serem aceitas.

Pessoas amigas analisam ideias, desejam crescer com a turma, interessadas e participantes, tem facilidades para serem bons comunicadores.

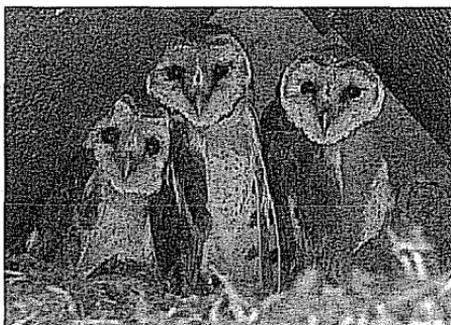
O bom comunicador ama seus educandos, sabe acolhê-los, respeitá-los, é alegre e otimista, confia nos educandos, é ao mesmo tempo exigente e compreensivo, sabe impor limites, cobra resultados sem ofensas pessoais e estimula todos a não desistirem dos seus verdadeiros ideais.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA SÍLVIA REGINA DE OLIVEIRA
Cadeira nº 22 – Patrono: Erotides de Campos

sabedoria

encorujadas
em tronco d'árvore
da paisagem
parecendo
fazer parte

mãe e filhos
pairando olhos
pro mundo
a partir
do cinza fundo



paridas corujas -
sabedoria

P
r
o
f
u
n
d
a
em dias
cujos

4:15

a quarter past four
in a tiresome afternoon

this fanciful life of ours
whose struggles are for nothing
in a world of effects
and pure illusions -

this is not a world
this is only a dream

lépida sombra

sombra -
nem umazinha
malandra pra enganar
salvar a nossa pele
do sol a pino vilão
deste verão brasileiro

eita país insano -
de mil lados e meandros
a caminhar
inda e muito...

sombrinha -
quisera lépida
menina nos resgatasse
supino desse *mezzo*
giorno forno vida
do tempo anos dias
que certos nos virão

ciclos

peregrinam palavras por toda minh'alma
encantadas por luas estrelas e mares
residentes nas praias de areia bem alva
e que encontram nas bocas assim os seus lares
gotas fazem azul o brilhante oceano
rindo ao sol da manhã e na tarde amarela
inteirando seus dias em ciclo perfeito
navegando paisagens que passam em telas
onde andam gaivotas que cantam no peito

presença

quero ser aquela
que te diz das flores -
sobre os seus formatos
perfumes abelhas

quero ser teu lume
no final da tarde -
uma aquarela
que te inspira cores

quero ser aquela
que te diz das frutas -
sobre os seus sabores
tamanhos e horas
quero que conheças
sobre as amoras

quero ser tua amiga
que te diz da vida -
sobre as suas lutas
feridas e fatos

quero ser aquela
no correr do tempo -
que te diz das luzes
sempre que anoiteça

infantes

que somos adultos
quem disse mentiu -
somos antes crianças
ranhetas manhosas

de pouca paciência
de curto pavio
de extrema carência
de afetos e mimos

quem disse mentiu
que somos adultos -
somos esses infantes
de infinitos vazios



COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA VALDIZA MARIA CAPRÂNICO
Cadeira n° 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz

Experiências Inesquecíveis

No início dos anos 90 eu trabalhava na Prefeitura Municipal de Piracicaba junto à Secretaria do Meio Ambiente, onde vivi experiências inesquecíveis. Algumas muito tristes, que me marcaram bastante e, outras, muito felizes, que jamais me esquecerei.

E, entre essas lembranças felizes, uma delas, com certeza foi a visita que recebemos do paisagista mais famoso do Brasil, com projetos belíssimos em países da Europa, Oriente, Roberto Burle Marx, conhecido não só no Brasil, mas também internacionalmente; conhecê-lo pessoalmente foi um sonho realizado, pois só o conhecia de livros e palestras, exposições sobre paisagismo nos cursos que fiz de especialização nessa área.

Roberto Burle Marx, homem simpático, humilde – considerando seu talento e amor à Natureza, me deixou muitas marcas.

Suas orientações, dicas, experiências baseado, em seu conhecimento da flora brasileira foram e são, ainda hoje, de grande valia em minha vida pessoal e profissional.

Como ele era hóspede oficial da Prefeitura, coube a Secretaria do Meio Ambiente (Sedema) acompanhá-lo aos lugares mais bonitos de nossa cidade. E, entre esses locais, o Engenho Central foi um deles – lá ele se encantou com os prédios, a vegetação, tudo ainda muito abandonado – pois a Prefeitura acabara de comprar aquele espaço, coisa que, na época foi motivo de violentas e ferozes críticas ao Prefeito – mas, hoje a cidade toda reconhece a importância, a beleza desse local.

Mas, voltando a Roberto Burle Marx – emocionemo-me

ao lembrar a delicadeza de suas mãos ao tocar nos tijolos arredondados nas colunas dos prédios, na vegetação ainda misturada aos cipós e matagais no Engenho Central. Não sei qual seria sua reação hoje, se visse o atual Engenho Central... também o levamos a Casa do Povoador, à Pinacoteca, as avenidas principais de cidade e, com o projeto em mãos do Parque da Rua do Porto, ouvimos dele valiosas orientações para as espécies vegetais em composições únicas para aquele espaço, que, na época, estavam apenas no papel.

Não imagino qual seria hoje se estivesse entre nós, sua reação ao ver esse Parque tão cheio de árvores, de vida. Entre todas essas experiências que vivi ao lado dele – e – acredito que outros técnicos que faziam parte dessa comissão de recepção também viveram, cada um de nós com seus questionamentos e suas respostas, nenhum de nós nunca o esquecerá.

E, entre as orientações, as dicas, comentários, descobri no paisagista famoso, o seu lado poético. Burle Marx, ao passarmos de carro pela Estação da Paulista, quis parar e descer para ver de perto – para nossa grande admiração, o chão todo coberto de flores azuis caídas dos jacarandás mimosos, que hoje não existem mais, misturadas ao pó do enxofre, amarelo forte que cobriam a calçada e para meu espanto, olhou para aquele chão e exclamou que daria uma maravilhosa tapeçaria, se ele tivesse trazido telas e agulhas, pois também tecia tapeçarias muito lindas que expôs no Teatro Municipal, algumas, durante sua visita à nossa cidade .

E aqui fico a pensar como a vida é cheia de contradições: em meu trabalho como técnica em arborização urbana, fui, muitas vezes, ofendida, odiada mesmo , porque não permiti o corte de árvores nas calçadas a pedido de moradores, por motivos bastante inusitados – e – entre eles – cito um caso no bairro Nova Piracicaba: era uma rua com uma ou duas quadras, onde estavam plantados inúmeros ipês – rosa. Fiquei encantada ao chegar ao local, pois, pareceu-me entrar no paraíso, com um chão coberto de flores rosas, a sombra das árvores formando um túnel rosa. E, para meu espanto, o pedi-

do dos moradores era para retirar as árvores, pois elas faziam muita sujeira nas calçadas... Um chão de flores, um túnel cor de rosa sobre as calçadas... É claro que não autorizei essa destruição, muito embora, alguns anos depois de minha saída da Prefeitura, passei por essa mesma rua e era apenas uma rua, sem árvores, sem flores... árida...

Aí, lembrei-me, mais uma vez de Roberto Burle Marx – o que para ele era uma pintura, traçados de uma maravilhosa tapeçaria natural, para outros, ignorantes e infelizes não passava de sujeira nas calçadas...

Hoje, ao lembrar-me desses fatos, concluo, mais uma vez, que, o ser humano, embora tenha se esquecido que é apenas uma parte da natureza, continua agindo como seu dono... até não restar mais nada para destruir.....

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALDEMAR ROMANO
Cadeira nº 11 – Patrono: Benedicto de Andrade

Reflexões inúteis

Não é do meu gosto – No local, há muito tempo existia um sobradão, bem construído, razoavelmente conservado, de arquitetura admirável a que serviu como hotel por muitas décadas. Ambiente de reuniões políticas, sociais, clubísticas das mais importantes. E na qualidade de hotel, símbolo do bem receber e do espírito hospitaleiro do piracicabano.

Mas, em nome do progresso, após anos de omissão da administração pública de Piracicaba que deveria torná-lo como Patrimônio Histórico, o citado e elogiado foi posto abaixo, desaparecendo de forma inesperada do aspecto visual da área mais central de nossa cidade.

Foi erguido um espigão com quase duas dezenas de pisos e hoje, em nome do progresso, abriga veículos. Hoje, as máquinas descansam, protegendo-se do sol, da chuva e principalmente, dos bandidos.

Ó senhor! Bem ao lado da Catedral de Piracicaba, sobrepondo-se o material ao espiritual, em uma evidente inversão dos valores muito em moda no século XXI.

Nos momentos em que visualizo a Catedral de Santo Antonio, por qualquer ângulo, de forma mental apago (ou deleto na linguagem atual) aquela construção indevida e que, no meu entendimento, se constitui em um dos cartões negativos de nossa maravilhosa cidade.

Peixe - ensina-se a pescar ou presenteia-se: quando eu era menino (e isto já faz muito tempo), ouvi pela primeira vez “peixe não se dá, ensina-se a pescar”. Sempre acreditei neste princípio e procurei aplicá-lo nas ocasiões que me surgi-

ram. Entretanto, neste século XXI, pleno de novidades, boas e péssimas, de quatro em quatro anos, no mês de outubro, na prática verifica-se que ensinar a pescar está mais difícil e menos interessante que entregar o peixe. Qualquer semelhança com a política nacional é mera coincidência.

Maldade ou coincidência: relatam os arquivos históricos de nossa querida Piracicaba que o arruamento da cidade, na região central, foi obra do Alferes José Caetano. Não sei quando o referido cidadão foi homenageado com a denominação de uma rua pública. Possivelmente, ainda em vida, pois naquela época isto era permitido. Entretanto, no tempo em que o espaço reservado aos pedestres (pois estes eram maioria) tinha mais significado que nos dias atuais, escolheram para homenagear o dito Alferes, a via pública com o menor de todos os espaços da região central. Já observaram isto? Pois bem, maldade ou coincidência?

Reforma política – estamos nos últimos dias de outubro, portanto, após o resultado das eleições presidenciais. Particularmente, faço meus cumprimentos a ambos os candidatos, pois demonstraram liderança e forte representação política. Para mim, a vitória foi da democracia. De forma intensa, aborda-se e promete-se a reforma política. Porém, há uma distorção expressamente clara na administração deste querido Brasil: os “Juizes do Supremo Tribunal Federal serem nomeados pelo Presidente da República”. Considero interferência de poderes. Para que eu possa acreditar em qualquer reforma política, vejo a necessidade de se revogar este absurdo. Os juizes dos tribunais superiores devem ser escolhidos e nomeados pelo próprio poder judiciário. Qual o método? A estudar e concluir.

Sinal dos tempos: saindo do supermercado, enfrento filas como todo bom brasileiro. Mas chega a minha vez, a operadora de caixa sempre atenciosa, paciente, e às vezes tendo que suportar alguns desaforos. A máquina registradora, ágil, competente na matemática, aprendeu fácil a somar e dimi-

nuir, demonstrando na tela todos os detalhes de compra, bem como imprimindo um comprovante. Dinheiro, cheque, cartão bancário ou do próprio estabelecimento, nota fiscal paulista, etc. Tudo muito bem detalhado nos dias atuais. Lembro-me nestes momentos de meados do século XX, quando atendendo às solicitações de minha mãe, anotava em papel à parte a relação dos produtos a seres adquiridos, e com a caderneta do armazém, dirigia-me até o estabelecimento comercial. Arroz, feijão, açúcar, milho, e muito mais, tudo em sacas de sessenta quilos (mais ou menos) e com uma tabuleta anunciando o preço. Pesava-se na hora, e o comerciante com lápis de carpinteiro na orelha, usava-o para as anotações da compra efetuada. A caderneta era devolvida ao comprador. Na data combinada, mensalmente, era efetuado o pagamento de todas as compras. Ninguém alterava qualquer anotação; não rasurava. Respeito total. Se fosse nos dias de hoje... nem pensar.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALTER NAIME
Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz

“Tudo se agiganta quando a alma se apequena”

Olhando como quem não quisesse ver, usando o desca-
so como fator que diminue o efeito da causa chega-se a posi-
ção que tudo vai bem.

Numa época de grande crise as pessoas se matam, saem
roubando por ai, se drogam como doidos, enchem a cara de
remédios, calmantes, antiácidos e similares, vão embora do
país para tentar a vida em outro lugar ou então se informam,
antecipando as perspectivas sobre futuro. Quanto á alternati-
va para onde ir, como fica? Ela, a crise está sendo global.

Há de se propor que o melhor remédio é se informar,
tomando uma posição corajosa e esclarecida para enfrentar
as dificuldades. Bom, de imediato pararmos para pensar. Será
que essa falta de oportunidades está acontecendo “no país das
oportunidades”?

Será possível que a coisa seja tão grave assim para os
americanos? Pelo visto eles não estão sabendo o que fazer para
manter o antigo e delicioso caminho da vida americana.

Será que um par de aspirinas não vai funcionar desta
vez?

Será que ninguém escapa de uma crise financeira e eco-
nômica dessa grandeza?

Numa economia doente, onde as pessoas reagem da for-
ma como são atingidas pessoalmente, as coisas são assim, para
num passo seguinte se unirem em defesa comum.

As notícias sobre a recessão prescreve a fórmula para
sair da crise. Chamaremos isso de notícia ou de perspectiva

para o futuro. É preciso escapar da crise de algum jeito, que seja então sem escapismos.

A técnica da mídia é alarmar para o tamanho da mesma, mostrando formas imorais e covardes as vezes de conviver com dificuldades em confronto com a fórmula iluminada de enfrentá-las de olhos bem abertos. Para servir como alarme mais forte, alguns órgãos de comunicação falam da crise de 29, com o “crash” das bolsas de Nova York, mostrando alguém da época de 29 dando a mão para alguém de nossa época 2009, como se em 29 deu para escapar, também agora daria.

Para quem vive num país como o Brasil onde as crises são constantes, onde um crescimento de 1% no PIB já mereceu festejos, é difícil acreditar no que se rola pelo mundo. Só que por aqui dito por alguns experts, estamos encontrando o caminho.

Dizem que o país parou de piorar. A economia anda reagindo, com uma luzinha no fim do túnel.

Com a frase de Fernando Pessoa, “Tudo se agiganta quando a alma se apequena”, lancemos um brado de consciência contra o negativismo e derrotismo, pois de qualquer forma enfrentando ou não com as coisas que nos informam, a crise poderá acontecer, mas se fizermos algo a nosso favor, podemos tê-la mais branda. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer. Faça!!!

Walter Naime. Arquiteto, Urbanista e Empresário.
Membro da Academia Piracicabana de Letras
e-mail walter.naime@terra.com.br

APL EM AÇÃO – NOTICIÁRIO*

- A **Academia Piracicabana de Letras** foi homenageada, em outubro, como destaque do ano, com o troféu “Desenvolvimento Cultural de Ouro 2014”, pela Academia Nogueirense de Letras (ANL).



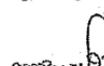
ACADEMIA NOGUEIRENSE DE LETRAS
STABILIS RATIO EST CATHEDRA

O presidente da Academia Nogueirense de Letras, fundada em 25 de julho de 2007, no uso de suas atribuições e de acordo com os Estatutos e Regimento Interno, concede à

Academia Piracicabana de Letras
O Prêmio
Desenvolvimento Cultural de Ouro 2014

Pelos tangíveis serviços prestados à comunidade, no desenvolvimento de suas atividades sociais e culturais.
[Com troféu confeccionado na arte em ferro por Camilo Martins]

Artur Nogueira, 25 de julho de 2014


 Escritora Maria B. Barreto
 1ª Secretária


 Poeta Camilo Martins
 Presidente



- **Antonio Carlos Fusatto** foi homenageado pelo Clube Recreativo Cristóvão Colombo, em agradecimento aos serviços e apoios prestados, com uma placa na casa de força, a qual foi inicialmente projetada por ele e inaugurada em 1982.
- **Carmen Pilotto** foi jurada do II Prêmio Escriba de Crônicas de Piracicaba;
Recebeu da SEMAC, no dia 2 de outubro de 2014, a Medalha do Mérito Cultural 2014 – modalidade Literatura. A medalha é outorgada pela Secretaria Municipal de Ação Cultural com a entrega do Troféu Branca Motta de Toledo Sachs.

- **Felisbino de Almeida Leme** lançou em setembro o livro *Canto de Paz*. A renda da obra foi revertida para o CECAN – Centro do Câncer da Santa Casa de Piracicaba. Foi entrevistado pelo jornalista e também acadêmico **João Umberto Nassif**, em *A Tribuna Piracicabana*.

Felisbino e Rosaly (Curiacos) de Almeida Leme, foram jurados exclusivos da campanha do Rotary São Dimas, selecionando os melhores poemas, crônicas e desenhos dos alunos das escolas de Piracicaba, enfocando o tema: *Gentileza Gera Gentileza*.

- **Geraldo Victorino de França** esteve com as crianças da primeiro ano do Colégio Piracicabano autografando seu livro “*Aprendendo com o Voinho*” volume 3.



O acadêmico **Geraldo Victorino de França (Voinho)** com as 26 crianças. Elas fizeram perguntas e ganharam um livro cada uma.

- **Ivana Maria França de Negri** teve sua crônica escolhida como a melhor de Piracicaba no II Prêmio *Escreva de Crônicas*; Participou como jurada do UNICULT, concurso de Contos e Crônicas da UNIMEP.
- **Leda Coletti** teve participação com o *Clip* (Centro Literário de Piracicaba) em *Oficinas Literárias*, para alunos de 5ª e 6ª séries nas E.E. Catharina C. Padovani, E.E. Francisca Elisa da Silva e E.E. Pedro de Mello (Tupi), todos do município de Piracicaba.

Foi membro integrante de júri do Concurso Municipal de prosa e poesia, com o Tema: Água, para alunos de 5ª a 9ª Séries, em parceria com a Indústria de Papel Oji. Piracicaba. Participou na coordenação do Dia da Poesia, (nas ruas, centros culturais, prédios) e Dia do Escritor (Declamação, leitura e varais de textos e poesias), na Área de Lazer (Rua do Porto), Piracicaba.

- **Maria Helena Vieira Aguiar Corazza** foi agraciada, em julho, com a Medalha do “Mérito Lítero Cultural Poeta Castro Alves” pela Academia Nogueirense de Letras.



ACADEMIA NOGUEIRENSE DE LETRAS
STABILIS RATIO EST CATHEDRA

O presidente da Academia Nogueirense de Letras, fundada em 25 de julho de 2007 no uso de suas atribuições e de acordo com os Estatutos e Regimento Interno, concede à Escritora

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza

A Medalha do

Mérito Lítero Cultural Poeta Castro Alves

Pelos tangíveis serviços prestados à comunidade, no desenvolvimento de suas atividades sociais e culturais.

Artur Nogueira, 25 de julho de 2014

Escritora Maria B. Barreto
1ª Secretária

Poeta Camilo Martins
Presidente



- **Rosalv Curiacos de Almeida Leme**, foi homenageada, na sexta-feira, 21 de novembro de 2014, pela Sociedade Beneficente Sírio Libanesa, em comemoração aos 112 anos da Sociedade.

DIRETORIA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Presidente – Maria Helena Vieira Aguiar Corazza

Vice-Presidente – Gustavo Jacques Dias Alvim

Primeiro Secretário – Felisbino de Almeida Leme

Segunda Secretária – Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme

Primeiro Tesoureiro – Waldemar Romano

Segundo Tesoureiro – Antonio Carlos Fusatto

Bibliotecária – Marly Therezinha Germano Percin

Conselho Fiscal – Cezário de Campos Ferrari

Elias Salum

Gregório Marchiori Netto

GALERIA ACADÊMICA

Alexandre Sarkis Neder – Cadeira nº 13 – Patrono: Dario Brasil

André Bueno Oliveira – Cadeira nº 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

Antonio Carlos Fusatto – Cadeira nº 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

Antonio Carlos Neder – Cadeira nº 15 – Patrono: Archimedes Dutra

Aracy Duarte Ferrari – Cadeira nº 16 – Patrono: José Mathias Bragion

Armando Alexandre dos Santos – Cadeira nº 10 – Patrono: Brasília Machado

Carla Ceres Oliveira Capeleti – Cadeira nº 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin

Carlos Moraes Júnior – Cadeira nº 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida

Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – Cadeira nº 19 – Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

Cássio Camilo Almeida de Negri – Cadeira nº 20 – Patrono: Benedito Evangelista da Costa

Cezário de Campos Ferrari – Cadeira nº 12 – Patrono: Ricardo Ferraz do Amaral

Elda Nympha Cobra Silveira – Cadeira nº 21 – Patrono: José Ferraz de Almeida Junior

Elias Salum – Cadeira nº 5 – Patrono: Leandro Guerrini

Evaldo Vicente – Cadeira nº 23 – Patrono: Leo Vaz

Felisbino de Almeida Leme – Cadeira nº 8 – Patrono: Fortunato Losso Neto

Francisco de Assis Ferraz de Mello – Cadeira nº 26 – Patrono: Nelson Camponês do Brasil

Geraldo Victorino de França – Cadeira nº 27 – Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

Gregorio Marchiori Netto – Cadeira nº 28 – Patrono: Delfim Ferreira da Rocha Neto

- Gustavo Jacques Dias Alvim** – Cadeira n° 29 – Patrona: Laudelina Cotrim de Castro
- Homero Anefalos** – Cadeira n° 30 – Patrono: Jorge Anefalos
- Homero Conceição Moreira de Carvalho** – Cadeira n° 31 – Patrono: Victório Ângelo Cobra
- Ivana Maria França de Negri** – Cadeira n° 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda
- Jamil Nassif Abib (Mons.)** – Cadeira n° 1 – Patrono: João Chiarini
- João Baptista de Souza Negreiros Athayde** – Cadeira n° 34 – Patrono: Adriano Nogueira
- João Umberto Nassif** – Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente José de Moraes Barros
- Leda Coletti** – Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco
- Lino Vitti** – Acadêmico Honorário
- Maria Helena Vieira Aguiar Corazza** – Cadeira n° 3 – Patrono: Luiz de Queiroz
- Marisa Amábile Fillet Bueloni** – Cadeira n° 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade
- Marly Therezinha Germano Percin** – Cadeira n° 2 – Patrona: Jaçanã Althair Pereira Guerrini
- Mônica Aguiar Corazza Stefani** – Cadeira n° 9 – Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira
- Myria Machado Botelho** – Cadeira n° 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela
- Olívio Nazareno Alleoni** – Cadeira n° 25 – Patrono: Francisco Lagreca
- Paulo Celso Bassetti** – Cadeira n° 39 – Patrono: José Luiz Guidotti
- Pedro Caldari** – Cadeira n° 40 – Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende
- Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme** – Cadeira n° 7 – Patrono: Helly de Campos Melges
- Sílvia Regina de Oliveira** – Cadeira n° 22 – Patrono: Erotides de Campos
- Toshio Iczuca** – Cadeira n° 38 – Patrono: Elias de Melo Ayres
- Valdiza Maria Caprânico** – Cadeira n° 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz
- Waldemar Romano** – Cadeira n° 11 – Patrono: Benedicto de Andrade
- Walter Naime** – Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz





ISSN 2177-2797



9 772177 279008